

REVISTA

www.revistaraca.com.br

RACA BRASIL



Páginas Pretas:

**De Cari a
engenheiro
químico, a
história de
João Antônio**

**Negritude e seu
Conceito no Brasil**

**Trabalhadores
negros em tempos
de pandemia**

Thiago Oliveira

**diversidade
espetacular**



Conheça a casa de
Vinicius de Moraes
e descubra os encantos de
~ Itapuã ~



www.marbrasilhotel.com.br

📍 Rua Flamengo 44, Farol de Itapuã,
Casa de Vinicius de Moraes, Salvador, Ba, Brasil.

☎ (71) 3285-7339 | 📞 (71) 99711-3374
✉ reservas@marbrasilhotel.com.br



MAR BRASIL
hotel

No Topo da Liderança



Maurício Pestana
mpestana@revistaraca.com.br
CEO Revista Raça

Quais as barreiras, os limites que um homem ou uma mulher preta tem que enfrentar para chegar ao topo da carreira? Por que nas 500 maiores empresas do Brasil, apenas 4.7 dos cargos de decisões são ocupados por negros em nosso país, e esses poucos executivos que chegaram no topo da carreira, como lidam com o assunto, quais as ações que estão fazendo para mudar o quadro, como enfrentar os desafios de ser único ou única negra em um espaço totalmente branco?

Essas e outras perguntas foram amplamente debatidas na Fundação Don Cabral no lançamento do Fórum Brasil Diverso 2020, a exato um ano. O encontro contou com nomes de peso, que estavam fazendo a diferença na teoria e na prática, impulsionando mudanças no mundo corporativo para uma agenda racial, como o pioneiro a discutir isso, entre os CEOs, Theo Vann der Loou.

A provocação que fizemos em março de 2020, na sede da Fundação Don Cabral, em São Paulo, por ocasião do lançamento do Fórum Brasil Diverso, trazia também outras indagações a exemplo de como o Brasil reagiria à maior crise sanitária da história. Se avizinhava, e nem imaginávamos, as repercussões que o caso George Floyd causaria em setores da vida pública e privada no Brasil e no mundo.

Fizeram parte daquele pequeno, mas importante, encontro de lideranças negras que estavam no topo da carreira, mas que ainda não tinham galgado o cargo de CEO. Era nítida nossa inquietação e a busca de uma resposta: por que a democracia representativa, tão bonita no papel, cantada em prosa e verso como sendo o país da miscigenação, da cortesia e da democracia racial, é tão branca nas suas lideranças empresariais? Cadê nossos CEOs negros na segunda população mais negra do Planeta com mais de 100 milhões de pessoas se autodeclarando negras?

Em um ano muitas coisas mudaram no Brasil e no mundo: a pauta da questão racial passou a ser obrigatória em todos os setores, inclusive no mundo corporativo e daquele pequeno grupo que se reuniu na Don Cabral, em março de 2020; nosso colega Edvaldo ou Billy como carinhosamente o chamamos, respondeu a expectativas se tornando recentemente o primeiro CEO negro da United Health Group Brazil, mais conhecida no Brasil como Amil.

É nítido o quanto ainda precisamos caminhar para que os números reais, estáticos, ou seja, que 56% da população que se autodeclara negra esteja também representada como CEOs, como governadores, prefeitos, enfim, em cargos de liderança e com a caneta na mão para decidir os rumos e o futuro do nosso país onde somos a maioria.

Um ano se passou, as mudanças são visíveis, de hábitos, costumes, expectativas padrões, cultura empresarial, enfim, a pandemia e a crise econômica, social, tem nos mergulhado em infinitas reflexões, que mesmo os mais atentos à mudanças têm se surpreendido.

Nossa esperança é que após esse vendaval possa nascer um país e os que sobreviverem física e mentalmente possam ter refletido sobre a mais importante lição que esse momento nos deixará, que somente com a solidariedade, o respeito ao próximo que significa a vida, poderemos construir um país e um mundo melhor.

Antonio Carlos
dos Santos Costa

11 desenhos ilustros do curso de Engenharia Química da Universidade
de Vassouras, condados para as solenidades de sua formatura.

ESTUDO COMO FOÇO DA **SUPERAÇÃO:** João Antônio.



Fotos acervo pessoal.

Quando iniciamos a sessão Páginas Pretas, há mais de dez anos, o intuito sempre foi de colocar neste espaço da revista RAÇA homens, mulheres, pretos ou brancos, brasileiros ou de outras nacionalidades, enfim, não nos importando com cor, raça, nacionalidade, sexualidade condição social ou intelectual dos entrevistados; para nós o mais importante era a contribuição do entrevistado para a causa da questão racial no Brasil e no mundo.

Por essas páginas já passaram dois ex-presidentes da República do Brasil, como também CEOs, deputados, senadores, reitores de universidades, intelectuais das maiores magnitudes. Nosso entrevistado deste mês, embora não tenha nenhum desses títulos apresentados, para nós tem o maior e mais importante título que um ser humano pode ter, a Resiliência, a vontade, o instinto de superação. Sua história, por si própria, é uma contribuição imensurável para aqueles que pouca ou nenhuma oportunidade tiveram na vida e possam ver que nunca é tarde para o estudo, a superação e o sucesso. Com vocês, João Antônio.

João, me conta um pouco sua história de vida.



S o m o s em quatro irmãos, eu e mais três, duas meninas mais novas que eu e meu irmão mais velho. Minha mãe saía para trabalhar de manhã cedo e só voltava para casa de noite, sempre lutou bastante para criar eu os meus irmãos, porque ela era sozinha para criar a gente, porque

meu pai faleceu quando eu tinha quatro anos de idade. Então me lembro que quando meu pai faleceu, foi só ela pra criar nós quatro, ela saía de casa 06:30h da manhã e entrava em casa às 21h da noite e mesmo assim quando chegava em casa, se tivesse alguma coisa pra fazer ia fazer, o que a gente podia fazer durante o dia para ajudar a gente fazia, mas o que não dava pra gente fazer ela sempre dava conta e foi sempre nesse exemplo assim que a gente se espelhou.

Como e quando começou sua luta para estudar?

Estudei até o quarto período, mas por problemas financeiros fui obrigado a parar, na época o salário não era muito bom, não tinha condições de arcar com despesas de casa e faculdade, então fui obrigado a parar em 2001 e entrei para trabalhar na prefeitura de Vassouras na coleta de lixo e fazendo trabalhos por fora para poder complementar a renda e poder arcar com tudo, uma vida bastante difícil, mas nunca deixei o sonho de voltar a estudar.

E quando você resolveu retomar o sonho, teve muita dificuldade?

Eu fiquei treze anos sem estudar, tinha algumas matérias que eu já tinha esquecido. Ai, optei por fazer o curso, começar do início de novo porque eu tinha ficado muito tempo sem estudar e o estudo a gente sabe que ele é constante, tem sempre uma coisa nova surgindo; então, eu preferi fazer de novo porque tinha muita coisa que eu não lembrava, tinha muita coisa nova que já tinha surgido que eu não tinha aprendido na época, então acabei optando por fazer o curso completo.



Foto: www.universidadedevassouras.edu.br



E como foi seu interesse em fazer o curso de Engenharia Química, um curso difícil e disputado na universidade de Vassouras, que é referência no estado do Rio de Janeiro?

É um curso que só abre uma vez por ano, as outras engenharias abrem duas turmas todo ano, a cada período abre uma turma, o de Engenharia Química só abre uma turma todo ano, então as vagas acabam sendo mais disputadas e a grade curricular também é bastante puxada. Eu comecei no curso de Química Industrial em 2003, cheguei a fazer até o quarto período, mas por problemas financeiros fui obrigado a parar, na época o salário não era muito bom, não tinha condições de arcar com despesas de casa e faculdade, então fui obrigado a parar. Mas nunca deixei a chama da vontade de estudar apagar dentro de mim, aliás sentia uma certa tristeza e uma vontade muito grande de voltar a estudar, mas não tinha condições de fazê-lo, o salário de coletor de lixo mais as outras necessidades me impediam de retornar àquele meu objetivo.

E como fez, o que o impulsionou a voltar a estudar, como foi essa volta?

Voltei mais de dez anos depois, em 2016; quando eu voltei, já tinha o curso de Engenharia Química e foi quando eu comecei a fazer o curso, sempre trabalhando e estudando pra poder cumprir com todas as obrigações. Ainda estava no mesmo trabalho desde 2001, na prefeitura, na coleta de lixo e fazendo trabalhos por fora para poder complementar a renda e poder arcar com tudo, estudo, despesa de casa, aluguel, esse tipo de coisas, ou seja, as coisas não haviam mudado muito a não ser a vontade que nunca cessou de voltar a estudar. Então, trabalhava na coleta de lixo, saía e ia fazer biscate em obra, depois saía e ia estudar, geralmente a minha rotina era de 05:30h da manhã até às 17h da tarde trabalhando, depois chegava em casa, tomava um banho e ia pra faculdade.

Qual foi a maior dificuldade com que você se deparou nessa sua volta?

A maior dificuldade quando eu voltei foi a de sempre: conciliar trabalho e estudo porque pra pessoa que trabalha oito ou mais horas por dia já fica complicado, então imagina você acordar 04:30h da manhã pra 05:30h já estar trabalhando, depois chegar em casa 17h, tomar um banho e ir pra faculdade, depois ainda tem trabalho pra entregar, exercício pra revisar, então, geralmente isso ia até 1h da manhã. Acabei ficando sem tempo pra descansar, durante os 05 anos de curso, mas valeu a pena. Eu consegui realizar um sonho que sempre foi me formar nessa área e com um grau de dificuldade também, porque mesmo sem ter me formado com médias muito altas, como alguns colegas de classe, também não fiquei numa média assim tão inferior; então consegui acompanhar a mesma média de outros alunos que tinham mais disponibilidade de tempo pra estudar, isso é bastante gratificante porque você percebe que seu esforço valeu a pena, não foi em vão.



Se tivesse que dar um conselho para essa meninada que hoje encontra só dificuldade na vida, o que você diria?

Não desistir, obstáculos e dificuldades sempre vão existir, mas o que a gente pode fazer é seguir em frente. A frase que eu sempre ouço e repito é: "o não a gente já tem, então a gente precisa arregaçar a manga e ir em busca do sim, porque se a gente ficar esperando, a resposta vai ser sempre a mesma"; se a gente não fizer por onde e mudar essa realidade, a gente nunca vai conseguir alcançar nada, então o conselho é este: sempre persistir e não se entregar logo no primeiro obstáculo, porque se eu tivesse desistido no primeiro momento que tive que parar, eu não teria realizado, mesmo demorando 13 anos pra conseguir, então independente do tempo que possa levar para você alcançar aquilo que você quer, o importante é ter um foco no seu objetivo, ir à luta e não desistir com as dificuldades que possam aparecer no meio do caminho. Não importa a classe social, a cor, a raça, não meça a vida pela régua dos outros, não fique se comparando, sabemos que para nós as coisas são mais difíceis, mas tudo tem seu tempo, o importante é não desistir. Se temos que trabalhar, tirar o pão de cada dia e só pode tirar meia hora para estudar pra fazer uma prova, é fazer isso e buscar sempre evoluir a cada dia. É importante saber que o que nos define não é a nota que a gente tira e sim o que a gente aprende e como a gente vai aplicar, é o exemplo que a gente tem, seja dentro de casa, seja com amigos ou artistas que a gente admira e seguir em frente.

Você começou a entrevista falando de sua mãe. Como ela deve se orgulhar de você hoje!



A vida é uma caixinha de surpresa e infelizmente em 2016 eu a perdi por um câncer no estômago, o que me incentivou ainda mais a continuar seguindo em frente para realizar este sonho de estudar e me formar, que também era o sonho dela. Foi lindo no dia da minha formatura poder fazer essa homenagem a ela, para, independentemente de onde ela estivesse, ela pudesse ter certeza de que eu continuei seguindo o caminho, consegui realizar o que eu sonhava e fazer o que ela me pediu pra eu fazer, enfim, fazer a coisa certa.



REVISTA

RAÇA SUMÁRIO

EDIÇÃO 224 | REVISTARACA.COM.BR

MATÉRIAS

04 Páginas Pretas

Estudo como foco da superação

28 Trabalhadores negro na pandemia

8,1 milhões de negros e negras em situação vulnerável

53 Diego Conceição

Um ícone do basquete brasileiro

58 Parabéns Olodum!

40

Quando o
cabelo vira
ARTE

30

Thiago Oliveira

Diversidade espetacular



SEÇÕES

03 Opinião de Raça

04 Páginas Pretas

10 Interativa

12 Inspiração

16 Livros

18 Beleza

24 Serviços

26 Novo Herói

28 Negro na Pandemia

40 Cabelo

46 Moda

50 Eu na Raça

52 Diego Conceição

54 Pauta

56 Negros em Movimento

60 Raízes

62 Netflix

26

Esporte
Exemplo e
superação



VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR!

Nós negros já nascemos preparados para o “jogo da desvantagem” Ainda crianças, somos maioria em creches públicas, e ainda maioria no ensino fundamental. Começamos a dar falta de negros nas salas de aula no ensino médio e é quase nula nossa presença nas salas da faculdade!

No meio empresarial o jogo da desvantagem se torna mais evidente quando procuramos por CEOs negros e menos ainda é a taxa de mulheres ocupando grandes cargos de liderança.

Em nossa capa deste mês temos a honra de ter um cara que sempre jogou e vem vencendo este jogo. Thiago Oliveira é jornalista, radialista apresentador e hoje comenda o programa da TV Globo Esporte Espetacular-bloco São Paulo todos os domingos. Destaque em tudo que faz, o jornalista vem crescendo cada vez mais e ganhando espaço na emissora, já sendo um dos apresentadores mais queridos pelo público.



Hamalli Alcântara

Fale com a editora:
hamallialcantara@revistaraca.com.br
Instagram
[@hamallialcantara](https://www.instagram.com/hamallialcantara)

E por falar em ganhar jogos Antônio Costa entrevistado do páginas pretas desta edição, fala de superação e de como de gari se tornou Engenheiro Químico formado pela universidade de Vassouras.

A Raça traz colunistas renomados como Théo van der Loo em uma análise de “Porque usamos a razão para justificar o que não é justo”, e Fernanda Alcântara mostrando como vem surgindo cada vez mais heróis negros e como isso pode impactar uma geração. Nossa nova colunista Moara SaSacchi traz uma matéria incrível sobre o basquete e sua importância para a comunidade negra, além de moda, arte e muito mais.

Desejo a você uma leitura maravilhosa e transformadora pois a Raça é isso. Estamos nós e nossa equipe lutando e batalhando pela vitória da comunidade negra hoje e sempre.

InterATIVA

ESPAÇO DO LEITOR



Que capa. Tive a oportunidade de ver esse cara tocar, amei, super humilde, Parabéns aos dois pelo trabalho!

@patriciavieira064

A capa da Revista Raça está incrível é pura representatividade!

@luanadiascosta

MC Sofia era uma criançaaaaa até um dia desses.... sempre linda!!

@ina.leticia.rocha

Animadíssima para ver esta matéria

@mequetrefismos

Eu amei essa matéria é tão bom ver mulheres negras como referência no mercado da moda. Parabéns meninas um dia eu chego lá

@lizornellasstyle

É muito especial ver mulheres pretas ocupando espaços como esses na moda!! Dá um gás, uma força e me faz pensar: UM DIA EU CHEGO LÁ! É POSSÍVEL!!! Duas lindas, REFERÊNCIAS @nanda.anchieta7

Beleza negra, beleza viva, beleza linda

@karolbisspossantos

A Raça é isso, ajuda, incentiva, dá as caras. Que matéria perfeita

@luizasouzza





UNIVERSIDADE DE
VASSOURAS

Breaking Codes

GRADUAÇÃO

- Administração
- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Civil
- Engenharia de Software
- Engenharia Elétrica
- Engenharia Química
- Medicina
- Medicina Veterinária
- Odontologia
- Pedagogia
- Psicologia

PÓS-GRADUAÇÃO

MBA • ESPECIALIZAÇÃO • MESTRADO

FORMANDO O PROFISSIONAL DO FUTURO

universidadedevassouras.edu.br

Negras construindo *narrativas antirracistas*

Texto: Redação

Uma obra que reverbera potentes vozes negras e proporciona uma reflexão sobre os atravessamentos que mais de 500 anos de racismo, das mais variadas formas, geraram na população negra, e maneiras de enfrentar o sistema e debater as questões raciais de forma saudável. Assim é o livro "Nós por Nós", da Editora Conquista.

Nele, a jornalista Carmen Lúcia se une ao grupo de 23 mulheres pretas das mais diversas áreas, para apresentar narrativas que buscam gerar resistência ao racismo por meio do autocuidado e autoconhecimento. "Com diferentes relatos, conseguimos diversificar o discurso que vai desde a representatividade afirmativa na construção de ser negro, passando pela importância do senso coletivo, o teatro como senso de luta e a importância da psicologia preta. Eu fiquei com a missão de escrever sobre a presença preta na comunicação", conta Carmen Lúcia.

Em seu artigo, a profissional fala sobre ser uma jornalista que trabalhou grande parte da carreira no ramo de moda, beleza e entretenimento e as experiências de muitas vezes ser a única negra em eventos e em algumas redações. Segundo ela, foi só com o tempo que conseguiu entender o significado que a sua presença tinha naqueles locais e como isso afetaria as gerações futuras.





"Não é de hoje que eu questiono a ausência de jornalistas negros ocupando cargos de protagonismo no ambiente midiático. Essa invisibilização nunca foi natural aos meus olhos. Ao fazer a pesquisa para o meu artigo do livro, deparei-me com este dado: a revista Vaidapé, em 2017, apontou que apenas 3,7% dos apresentadores dos programas de TV são negros. Como driblar o sistema que por anos perpetuou um padrão como o belo, o certo, o desejado e abrir espaço para nós? Eu decidi lutar de dentro. Primeiramente como repórter trazendo as mais variadas pautas pretas para as manchetes. E entenda, não estou falando de pautas que envolvam apenas racismo, somos mais do que isso. Produzimos diversos conteúdos que merecem ser vistos. Outra forma de dar holofote à causa foi fundando a CL Assessoria, espaço onde divulgo afroempreendedores, em sua maioria, por um valor acessível".

Hoje, dois anos depois do surgimento da CL Assessoria, Carmen sente como se tivesse descoberto a fórmula para exercer o jornalismo da maneira que sempre sonhou: ouvindo e contando boas histórias, emocionando-se e gerando reflexão. "E é sobre isso que também se trata o livro 'Nós por Nós'. Muitas mulheres, muitas vivências, muitas inquietações e um objetivo: ressignificar nossas identidades e reposicionar nossos papéis na sociedade, para a manutenção do nosso equilíbrio físico, mental e emocional, nosso e da nossa comunidade", finaliza.



Texto: Redação
Foto: Divulgação

CAROLA

é a primeira mulher no mundo a lançar na gravadora de Martin Garrix, a STMPD RCRDS

Colecionando mais uma conquista em sua carreira, Carola se torna a primeira mulher no mundo a lançar uma música pela STMPD RCRDS, gravadora do holandês Martin Garrix, eleito melhor/mais popular DJ do mundo por três anos consecutivos - 2016, 2017 e 2018.

O single "What They Want", em colaboração com Gabzy, é a realização de um sonho da DJ e produtora gaúcha que debuta na label de um dos nomes mais consolidados dentro do mercado mundial de música eletrônica.

2020 foi o período de grande ascensão de Carola, que conquistou o apoio do DJ número 1 do mundo, David Guetta, com o lançamento de "FKGO" ao lado de Kohen, e esteve fortemente presente na mídia. Afirmando cada vez mais o seu talento e versatilidade, a artista mostra que seu novo lançamento é apenas o começo.

Quando questionada sobre "What They Want", a DJ conta que sempre teve como objetivo em sua carreira estrear em uma label grande, mas a gravadora holandesa sempre foi seu principal alvo. "Eu comecei a produzir em 2015 e no ano seguinte a STMPD foi fundada. Durante todos esses anos eu tracei como meta pessoal e profissional lançar uma música lá. Sou muito fã do Martin Garrix, então quando minhas managers entenderam que eu tinha a música certa, enviaram para a gravadora e eles aceitaram", revela.

A amizade com o DJ e produtor Gabzy é antiga, e a vontade de unirem suas identidades musicais também. Após os dois produtores trocarem ideias e opiniões sobre o vocal enviado pelo DJ, Carola finalizou a track e, enfim, conseguiram mesclar o Eletro House e Bass House dentro da estética sonora brasileira que ambos têm em seu projeto.

Produzida principalmente para as pistas, "What They Want" traz uma mensagem pessoal e muito especial para a gaúcha. "Muito além da composição e da produção em si, esse lançamento representa muita coisa. Sou a primeira produtora mulher a lançar lá, fazendo música eletrônica com a estética da sonoridade brasileira, mas também mesclando referências externas e tentando ter uma entrega muito original, sem me apegar a um único gênero", finaliza Carola.

ADHEMAR O HÉROI BRASILEIRO.

Texto: redação

Foto: divulgação

Adhemar Ferreira da Silva, primeiro Bicampeão Olímpico do Brasil, paulista, nasceu em 29 de setembro de 1927, de família pobre. Pai ferroviário, mãe cozinheira, o menino do Bairro Casas verde passou a infância ajudando a mãe nos seus afazeres, começou a vida como atleta com vinte anos, mesmo assim, como uma atividade secundária.

Era virtuoso e os técnicos perceberam o dom, no primeiro ano de competição, no Troféu Brasil. Em 1947 saltou 13,05m naquilo que era melhor, o salto triplo. Depois disso foi apenas sucesso, dois anos depois já era nome famoso na América do Sul, em 1949 quebrou o recorde sul-americano com 15,51m, e no ano seguinte quebrou duas vezes o mesmo recorde. Tornou-se o primeiro homem a saltar acima de 16m, batendo o recorde mundial no Estádio Célio de Barros, anexo ao Maracanã. Tricampeão pan-americano, em 1951, 1955 e 1959, em 1955 alcançou a marca de cinco recordes mundiais.

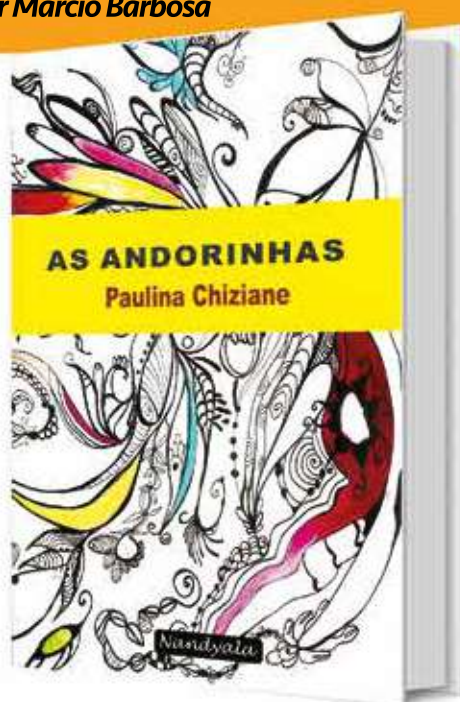
Os feitos Olímpicos aconteceram nas Olimpíadas da Finlândia, em 1952, com um salto de 16,22m e em Melbourne, na Austrália, em 1956 alcançando a marca de 16,35m. Finalizou a carreira olímpica em 1960 aos 33 anos. Embora pareça uma decadência, por toda essa década alcançar a marca de apenas dezesseis metros era algo sobre-humano, não à toa nas Olimpíadas da Austrália recebeu a alcunha de "Canguru Brasileiro".

Adhemar Ferreira é o único brasileiro ao integrar o Hall da Fama do Atletismo, seu nome foi imortalizado em 2012, onze anos depois da sua morte.



Além dos grandes feitos no atletismo, soma-se ao currículo a formação de escultor pela Escola Técnica Federal de São Paulo, pela Escola do Exército formou-se em Educação Física, bacharel em Direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil e de sobra frequentou os bancos da famosa Faculdade de Comunicação Social Cásper Libero em São Paulo, graduando-se em Relações Públicas em 1990.

Adhemar Ferreira da Silva não é apenas um recordista olímpico, é um negro que nasceu no primeiro quarto do século vinte e conseguiu derrubar barreiras sociais imensas. O verdadeiro herói brasileiro.



AS ANDORINHAS Paulina Chiziane

Este livro traz o encantamento das narrativas que vão além do cotidiano imediato e mergulham no absurdo da existência. Ele já circula há algum tempo, mas sua leitura nos dá a sensação de que acabou de ser lançado. A autora, Paulina Chiziane, é moçambicana. Moçambique tem uma forte literatura, e outros autores daquele país conhecidos no Brasil são José Craveirinha e Mia Couto. A literatura de Paulina certamente tem tantas qualidades quanto a desses autores e merece o mesmo reconhecimento por parte dos acadêmicos brasileiros. O livro "As Andorinhas" deixa transparecer muita influência da tradição oral, a começar pelo ditado chope (umas das línguas faladas em Moçambique) usado como epígrafe: "Se queres conhecer a liberdade / Segue o rasto das andorinhas". Talvez seja essa liberdade que incomoda o imperador, o Mambo dos Mambos, no primeiro conto do livro. A liberdade e o fato de uma andorinha ter defecado em seu olho. É o que basta para que o imperador mande seus subordinados disciplinarem as andorinhas; afinal, o poder não pode ser desafiado. Estruturado em três longos contos em que estão presentes drama, humor e elementos de uma narrativa que captura acontecimentos não comuns, o livro fala de uma realidade em que reverberam ecos da colonização portuguesa ao mesmo tempo que traz uma reflexão sobre a realidade atual moçambicana.

Maiores informações: www.facebook.com/nandyalivrariaeditora



REDESCUTINDO A MESTIÇAGEM NO BRASIL

Kabengele Munanga

A uma certa altura do excelente filme "Uma Noite em Miami", o jogador e ator Jim Brown fala ao ativista Malcolm X: "Eu acho engraçado como vocês de pele clara acabam sendo militantes tão duros". Surpreso, Malcolm afirma: "Eu nunca prestei atenção a essas diferenças de cor, para mim somos todos negros". E Jim Brown observa: "Parece que vocês estão sempre querendo provar algo aos mais pretos". O diálogo é fictício, mas toca no tema muito discutido do colorismo, que é uma interpretação, no plano simbólico, do fenômeno biológico da mestiçagem. A mestiçagem está presente na história da humanidade desde sempre. No Brasil, ela se confunde com a ideia de identidade nacional e durante muito tempo esteve na base da ideologia da "democracia racial" (mas o que essa ideologia não considerava é que a mestiçagem se deu, na época colonial, pela violência e pelo estupro). Em nosso país o preconceito de marca (isto é, baseado nas marcas visíveis, como cor de pele, formato da boca e do nariz) conta mais do que o preconceito de origem (que considera a ascendência, quem são os avós etc.). Assim, cor mais clara ou mais escura está ligada a maior ou menor mobilidade social. Desse modo, para nos aprofundarmos não só na discussão sobre colorismo, mas sobre a construção de nossa sociedade multicultural, é fundamental entender mais sobre a mestiçagem. Este livro do professor Kabengele, em nova edição, traz muitos subsídios teóricos nesse sentido. Analisando diversas obras, como "O Povo Brasileiro", de Darci Ribeiro, e falando sobre trabalhos como o Teatro Experimental do Negro e a Frente Negra Brasileira, o prestigiado professor Munanga traça uma profunda análise da mestiçagem e os conflitos da identidade nacional e identidade negra.

Maiores informações: www.autenticaeditora.com.br

CENAS DA PANDEMIA

Samira Calais

Ilustrações de Bruna Miranda

"Essa vacina chegando, minha vida vai seguir como tava antes. Presa na casa dessa patroa que acha que sou 'quase da família'. Quase sem ver os meus, quase sem ter vida. Sempre quase. E aí, minha filha, eu te pergunto: quarentena pra quem?". Esse pequeno monólogo é um dos muitos que pontuam as eloquentes crônicas deste volume, que, embora aborde um tema duro, traz textos leves. Concebido para mostrar mesmo algumas cenas dessa realidade pandêmica que, infelizmente, está durando além do que todos gostariam, o livro dá vida a personagens que vivem o "novo normal" sob diferentes perspectivas. De um lado, por exemplo, está a blogueira que tem oportunidade de trabalhar em "home office" tirando e postando várias selfies com seu suco detox enviado pelo seu patrocinador. Do outro lado, está a recepcionista que segue a blogueira nas redes sociais, mas que precisa pegar metrô, esperar vinte minutos para poder entrar num vagão não muito lotado e então chegar ao seu trabalho na recepção de um hospital. Os textos mostram que o impacto do vírus está ligado à cor de pele, classe social e cep. Colaboradora de Cadernos Negros e integrante do coletivo Flores de Baobá, Samira analisa a crise que se instalou a partir do negacionismo e da incompetência de alguns governantes. Mas a autora nos apresenta um olhar sobre a pandemia a partir, sobretudo, da experiência de mulheres que vivem essa nova situação como já faziam antes: lutando, sobrevivendo e dando o melhor de si para que o mundo desabroche melhor após enfrentar o caos.

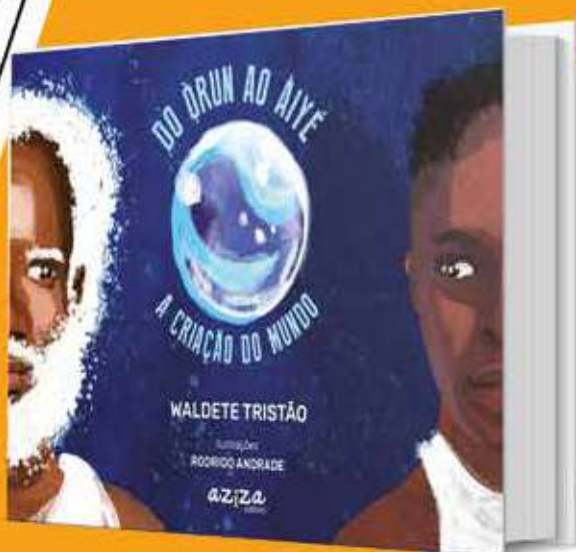


Maiores informações: www.editorafeminas.com

DO ÒRUN AO ÀIYÉ – A CRIAÇÃO DO MUNDO

Waldete Tristão

Ilustrações de Rodrigo Andrade



Você já deve ter se feito aquelas perguntas filosóficas e existenciais, tipo: "De onde viemos?", "Quem criou o mundo e todas as coisas que existem?", "Qual é o propósito de nossa existência?". Nós temos essas inquietações vez ou outra. A ciência traz explicações, mas o fato é que todas as culturas têm um jeito próprio de conceber a existência do mundo, sua criação, e de alguma forma essas concepções acabam iluminando a vida atual. Waldete Tristão nos traz a criação do mundo na perspectiva da cultura ioruba, que tem grande influência na cultura brasileira, não só em termos de religiosidade, mas também no vocabulário, na maneira de pensar e agir. O livro de Waldete e Rodrigo nos fala de um tempo em que existiam dois mundos: o orun e o aiyê. Um dia, Olorun decidiu que o Aiyê seria o local onde os seres viveriam e chamou Obatalá para preparar tudo. Entretanto, Obatalá teve problemas para conseguir realizar sua missão, um deles foi não ter entregado os presentes devidos a Exu, que cuida dos caminhos e zela para que eles sejam favoráveis. O livro nos oferece uma interpretação da criação do mundo que não é exclusivamente religiosa, mas num momento em que a intolerância religiosa se faz tão presente no país, é importante que as crianças tenham acesso a uma visão diferente da versão hegemônica do mito da criação, que, por meio de algumas igrejas, procura se impor pela violência. As ilustrações de Rodrigo Andrade trazem a suavidade e a poesia que a história evoca.

Maiores informações: www.azizaeditora.com.br

Nail Art

Texto: Redação

Fotos: Marcola Santos

Esmalte Natura cor: Rosa castanha.

A semana de moda de Nova York foi muita além de roupas, maquiagens e penteados; as unhas ganharam destaque pelas cores, texturas e formatos.

"Se antes pintar as unhas era apenas uma prática de cuidado pessoal somada a uma dose de vaidade, agora colori-las traduz comportamento e estilo"

(Ana Paula Fernandes-Editora de Moda).

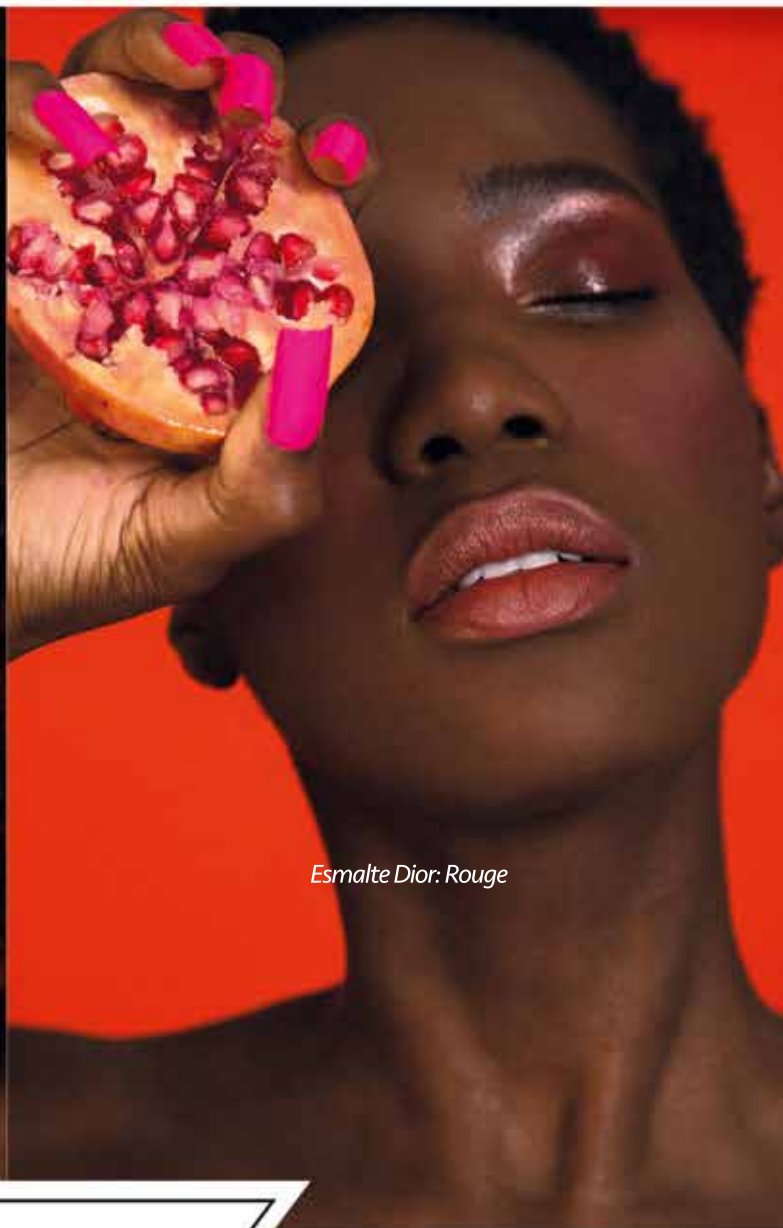
Aline Carvalho, design de unhas, disputadíssima pelas famosas e fashionistas como Gabi Amaranto, cantora Ludmila e Liniker, preparou para vocês um ensaio lindo, com as principais tendências de cores e formatos de unhas que irão bombar em 2021.



Esmalte Eudora cor: Vermelho sofisticado.



Esmalte Natura cor: Mar



Esmalte Dior: Rouge



*Esmalte Eudora:
Preto essencial e esmalte gel ultra brilho branco.*

Ficha Técnica:

Design de Unhas: Aline Carvalho

@alinecarvalhonailldesigner

Ph: Marcola Santos

Assistente de fotografia: Vitor Vasconcelos

Make: Carina Oliveira

Hair: Preta Brasileira

Curadoria de Talentos, Moda e Beleza: Yakini Rodrigues

Produção executiva: Marta Oliveira

Casting: Agência de Modelos Vogue
(www.agenciavogue.com.br)

Coordenação Geral: Ana Paula Fernandes



Foto Jorge Garcia

VOCÊ TEM GATO?

FICA DE OLHO NELE

por Wesley Alisson

Já reparou que seu gato gosta de pular na sua cama de manhã acordando você, de madrugada para fazer massagem na sua barriga? Você deve achar isso uma fofura, mas o bichano pode estar procurando seus órgãos internos para achar uma fraqueza e então... *kill you*.

Ahaha lógico que isso é uma brincadeira, mas com um leve toque de humor, afinal, na pandemia nossos bixinhos estão grudado no nosso pé. Então vamos compreender a mente dessa espécie tão fofinha. Esse artigo é baseado no livro "How to Tell If Your Cat Is Plotting to Kill You" best-seller do The New York Times e aqui no Brasil temos a versão em português pela editora Novo Século.

Vamos então descobrir o que se passa na cabeça desse ser tão fofo

Fazer massagem em você



Pode parecer a coisa mais afetuosa do mundo, mas ele está na verdade verificando seus órgãos e procurando os pontos fracos.

Esse é um método de purificação, os gatos preparam suas mentes e corpos para o combate com esse ritual.

Vomitara grama



Espalhar a terra da caixa de areia



Depois de fazer suas necessidades ele chuta a areia para todo lado sem necessidade, e espalha pela casa toda, ele está praticando enterrar de corpos.

Eles fazem isso para estudar o seu habitat natural e saber a melhor tática pra hora do abate.

Esconder em um lugar escuro



Olhar fixamente



Se você preceder ele olhando fixamente pra você, você não deve tirar o olho dele, pois se assim fizer ele vai ver que você é fraco e um ataque irá acontecer em seguida.

Os gatos sabem que nós humanos temos tecnologia superior, e eles vão tentar de tudo para interromper nossa comunicação com o mundo externo.

Dormir em cima dos seus eletrônicos



Trazer animais mortos



Sim parece que ele quer de dar um presente pelo seu carinho, mas na verdade isso é um aviso, simples assim.

Gatos não são bons em asfixiar pessoas, mas isso não irá impedi-los de tentar ;)

Bater com as patinhas no rosto quando você dorme



Nome científico :
Felis Catus

Como você vê
seu gato?

Anatomia Gato X Humano

Como seu gato
vê você?

Nome científico :
Homo Sapien



Curiosidades :

- Em média um gato passa 2/3 do dia dormindo. Isso significa que em 9 anos de vida, apenas está acordado 3 anos.
- Um gato faz cerca de 100 sons diferentes, enquanto um cão faz cerca de 10.
- Um gato consegue correr a 49 km por hora, em curtas distâncias.
- Um gato quase nunca mia para outro gato, apenas a humanos.
- Os gatos normalmente não gostam de água, porque o seu pelo não isola bem o calor quando está úmido.



Cuidados :

O gato doméstico, em razão da grande independência, apresenta poucos predadores. É sempre bom lembrar-se da importância da posse responsável desses animais, analisando a possibilidade de sua castração, evitando a superpopulação e propiciando um comportamento mais dócil. Além disso, a posse responsável requer a disponibilização de alimento de qualidade, cuidados veterinários regulares e quando houver algum problema de saúde, e também o ato de dar carinho e atenção ao bichano, e evitando deixá-lo sozinho por muito tempo.

Esse livro tem uma leitura super divertida para esse momento de pandemia.
Quer conversar mais sobre, entra no meu insta :)
@wesleyalisson

SERVIÇOS

★ Produto testado e
aprovado pela
Revista Raça



Make para brilhar

Máscara para Cílios Supreme Oil Nutrição 7g

A máscara, primeira da Avon com tecnologia Lash Caress, é formulada com polímeros facilmente removíveis, ajudando a reduzir e a prevenir quebra e queda dos cílios. O produto é oftalmologicamente e clinicamente testado e é indicado para olhos sensíveis, bem como para usuários de lentes de contato. A máscara alonga visivelmente os cílios em até 43%, conferindo aparência de cílios mais longos e também aumenta a elevação/curvatura dos cílios. O produto deixa os cílios com aparência luxuosa, mais saudável, mais condicionada, luminosa e adiciona volume natural, sem deixá-los com sensação de duros ou frágeis. A máscara promove camadas uniformes durante a aplicação e alcança os cílios inferiores e os cantos. Com textura cremosa, cobre os cílios sem sujar, não forma grumos, não esfarea, não borra, não aglomera durante o dia, resistente à água e dura o dia todo.

Caneta delineadora para Olhos Preta 1ml

Caneta delineadora de fácil aplicação para um traço perfeito, seja ele mais fino ou mais espesso. Delineador líquido de secagem rápida, define o contorno dos olhos, proporcionando um delineado profissional. Resistente à água e de longa duração, o delineado não transfere.

Brilho labial Avon Ultra Gloss 7ml

Ultra Gloss Brilho Labial: seu gloss agora também hidrata, sem deixar os lábios grudentos e com uma cor leve e brilho natural. Contém ingredientes e óleos hidratantes: óleo de jojoba, vitamina E, óleo de avocado e óleo de coco.

@avon - R\$ 56,97

Camiseta Ancestral

Camiseta de linho com estampa ancestral

@makida - ANT4 49,90





Kit Completo Siàge Cauterização dos Fio

Proporciona cabelos cauterizados para um resultado de salão em casa! O **shampoo Siàge Cauterização dos Fios** possui espuma cremosa que limpa sem ressecar e purifica profundamente os fios sem retirar seus nutrientes.

O **condicionador Siàge Cauterização dos Fios** conta com eficaz ação antinós, desembaraça os fios imediatamente e garante cabelos com hidratação desde o interior da fibra.

A **máscara capilar Siàge Cauterização dos Fios** repõe a hidratação em 5 minutos e garante selagem imediata das cutículas para cabelos 3x mais macios. A máscara reduz a porosidade do fio, deixando-o mais uniforme ao toque.

O **sérum capilar Siàge Hot Therapy Cauterização dos Fios** recupera os danos e proporciona efeito selagem sem precisar de secador ou chapinha. É um produto multiuso que se pode usar como finalizador (com proteção térmica 230º) ou como tratamento pré-shampoo para umectação.

@Eudora - R\$ 129,00



Biquíni cintura alta Dashiki Blue

Biquínis da moda afro cintura alta cheia de estilo e charme com estampas Dashiki na cor @estiloafromoda

@estiloafromoda - R\$ 160,00

Novos heróis no ar

Por: Fernanda Alcântara

Com o fim da série WandaVision e a chegada de Falcão e Soldado Invernal, a Disney e suas franquias da MCU - Marvel Cinematographic Universe - finalmente trazem uma renovação honrosa de heróis negros contemporâneos. Não que personagens negros sejam uma novidade destes universos - afinal, Luke Cage e Pantera Negra estão aí para isso. Mas a novidade está em trazer o protagonismo e a naturalidade dessas pessoas "comuns", populares, para as telinhas nessa nova fase em que o *streaming* dominou o nosso cotidiano.

Particularmente, sou apaixonada por filmes de super-heróis, principalmente pela pequena revolução que a Marvel fez nos cinemas nas últimas décadas. Confesso que acompanho, de longe, estudos, reportagens e pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos da Marvel Comics, principalmente no que se refere à representatividade negra, mas sei que, ao contrário de muitos colegas, não sou aquela que acompanha todo o arco de um personagem; não sei das trajetórias complexas, das revisões e multiverso, da cronologia e aparições.

Isso invalida a minha "carteirinha" nerd, mas me autoriza a comemorar o nascimento da minha mais nova heroína favorita: Monica Rambeau (Teyonah Parris), que provavelmente terá a alcunha de Spectrum. Eu sei que não é a primeira superpoderosa negra da Marvel, mas existe um frescor inegável em Mônica, pelo entusiasmo dessa estreia, um pouco tímida mas muito especial em WandaVision, série que me comoveu de fato tanto no formato quanto em conteúdo.



Imagens divulgação Marvel Studios





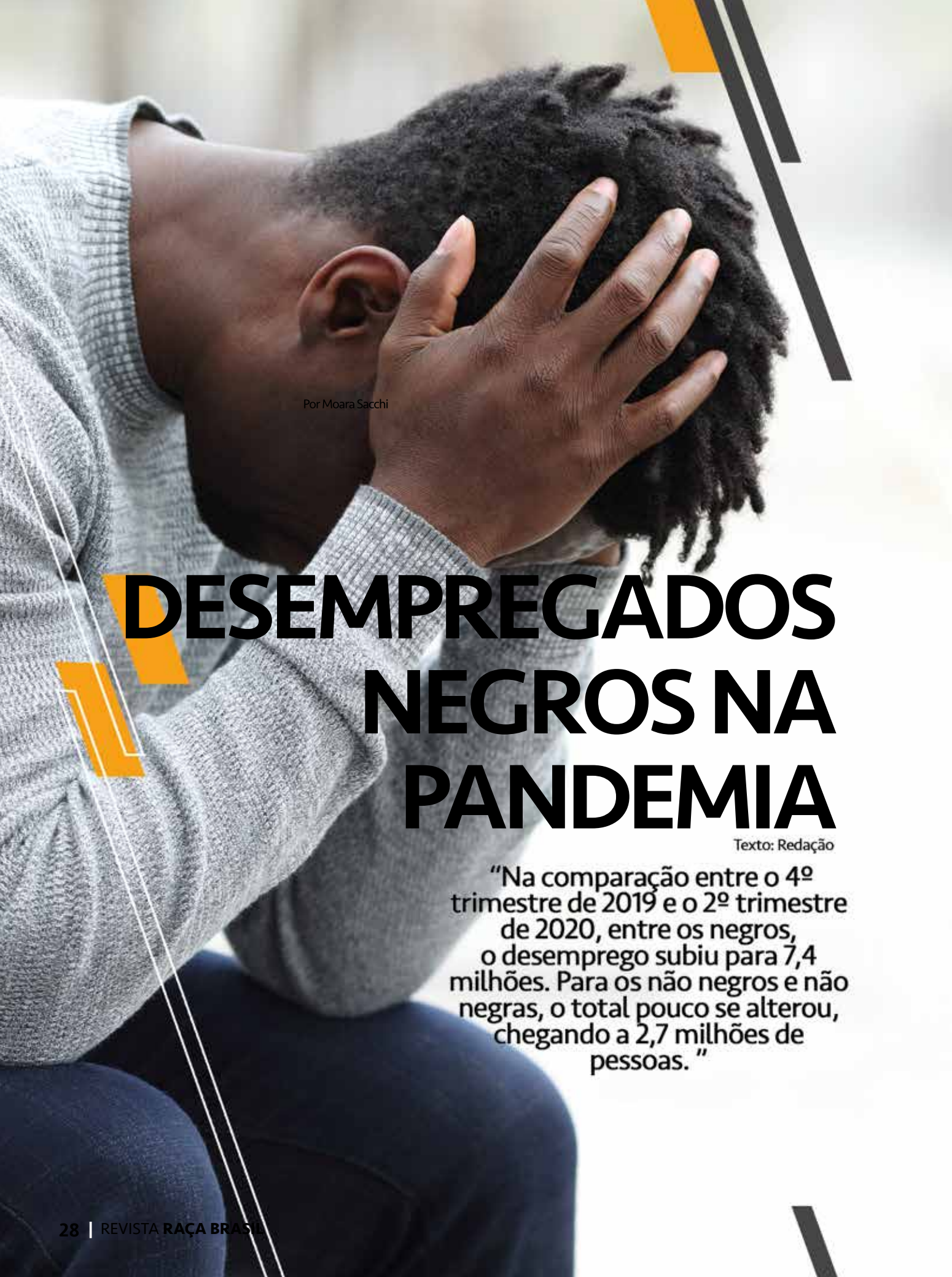
A forma como a personagem se aproxima da protagonista em relação ao tema de perda de pessoas amadas, para mim é uma das potências da série, principalmente no cenário atual em que o luto está tão presente em tempos de pandemia. Com empatia, inteligência e força, Mônica é a super-heroína que eu quero apresentar para todas as meninas negras que, como eu, têm poucas referências nas telas.

O mesmo podemos dizer sobre Sam, o Falcão, de Capitão América. O mais novo queridinho de todos os meninos que puderam se enxergar em Mile Morales como Homem-Aranha, Falcão agora estrela sua própria série, junto com o Soldado Invernal, e já havia sido indicado como alguém que vestiria o manto de Steven Rogers em Vingadores: Ultimato. Agora, assim como nos quadrinhos, parece ser peça importante para a continuidade desse arco. Sam, interpretado pelo ator Anthony Mackie, traz o mesmo sentimento que Boyega e seu personagem Finn em Star Wars: um acolhimento de que meninos negros podem ser iguais aos personagens que eles veem na TV. Que somos bonitos, inteligentes, supers.

E para quem leu todos esses nomes e referências e não fazem o menor sentido, garanto que no ramo do entretenimento não existe uma só criança "nerd" que não reconheça que, enfim, estamos em um novo momento de representatividade, que pode ter se popularizado lá, em Wakanda, mas que ganha raízes quando qualquer um de nós, que não nascemos com superpoderes, pode se vestir e lutar batalhas intergaláticas para salvar o mundo.

Porque, neste momento, ver-se salvando o mundo faz a diferença, seja com uma capa ou com uma máscara.





Por Moara Sacchi

DESEMPREGADOS NEGROS NA PANDEMIA

Texto: Redação

“Na comparação entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º trimestre de 2020, entre os negros, o desemprego subiu para 7,4 milhões. Para os não negros e não negras, o total pouco se alterou, chegando a 2,7 milhões de pessoas.”

Em boletim especial o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos revelou a radiografia que revela a condição real da comunidade negra em tempo de pandemia, relacionando os negros e não negros. O estudo baseou-se na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua feito pelo IBGE. Segundo o estudo a taxa de desocupação entre o 4º trimestre de 2019 e o 1º trimestre de 2020, para os homens negros, a taxa de desocupação passou de 11,8% para 14,0%, do primeiro para o segundo trimestre de 2020; para os não negros, de 8,5% para 9,5%; e para as mulheres negras, de 17,3% para 18,2%, no mesmo período.

Na metade do ano de 2020 dos 8 milhões de pessoas que perderam o emprego, 6,3 milhões eram negros e negras, o equivalente a 71% do total. Entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º de 2020, cerca de 72% ou 8,1 milhões de negros e negras estavam em situação vulnerável no país.

Um dado passa sempre despercebido, a taxa de subutilização. Consiste no número de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas. Normalmente a jornada de trabalho é de 40 horas semanais, quem se encontra no rol da subutilização não ocupam toda uma jornada que são 40 horas e se dispõem a qualquer trabalho nesta lacuna existente; abarca também dos desocupados em busca de trabalho, aqueles que antes da pesquisa estavam disponíveis e os que já não creem na possibilidade de ter trabalho e não mais a busca. A taxa de subutilização da mulher negra foi de 40,5%, enquanto a de homens negros foi de 29,4%. Entre os não negros, a taxa foi de 19,1% para os homens e 26,4%, para as mulheres.

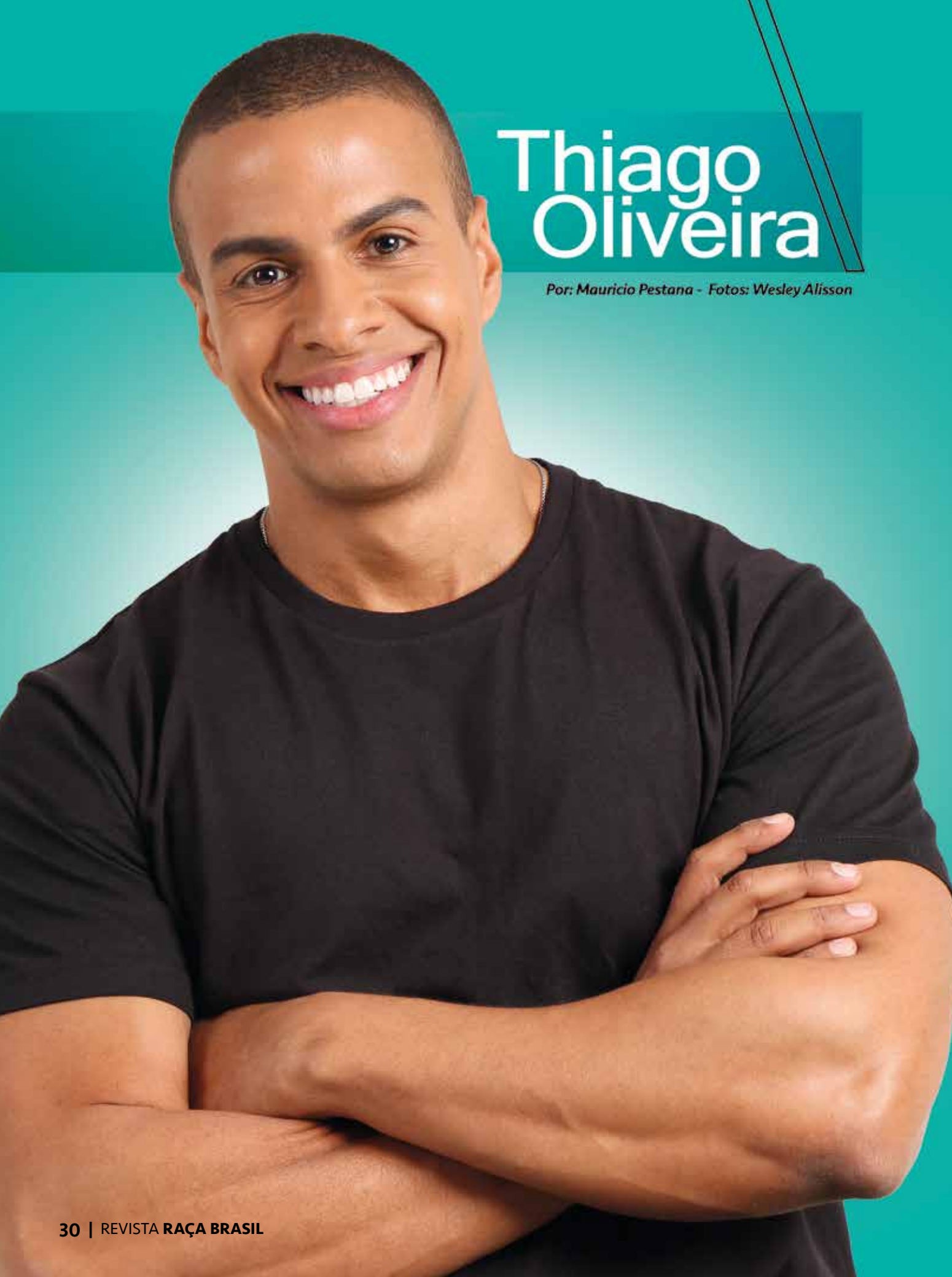
A pandemia foi extremamente cruel quando o quesito é perda real de emprego as negras com carteira assinada foram 887 mil, 620 mil sem carteira; 875 mil mulheres empreendedoras que trabalham por conta própria e 886 mil trabalhadoras domésticas.

Algumas medidas tomadas pelo governo federal não foram suficientes para diminuir o impacto no que se refere a emprego e renda relacionado a negros. Uma dessas medidas foi a Medida Provisória 936, que foi sancionada na Lei 14.020. Permite redução de jornada e salário dos empregados, ou suspensão temporária do trabalho. Em contrapartida garante a estabilidade e oferece o auxílio emergencial que pode alcançar o teto de R\$ 1.813,03.

Mesmo assim 1,4 milhão de homens negros com carteira e o mesmo número sem carteira, mais 1,2 milhão que trabalhavam por conta própria perderam suas ocupações na pandemia.

As disparidades salariais com penalidade para a população negra já são resultado de uma série de pesquisas econômicas. Independentemente dos recortes geográficos, ocupacionais e de capacidades individuais, os trabalhadores negros se deparam com uma histórica desigualdade de rendimento. Em análise dos resultados agregados por sexo no período pós início da pandemia, nota-se que o rendimento médio no Norte e Nordeste é inferior as médias das demais regiões em todo o período considerado. Analisando o diferencial de rendimento por grupo racial, nota-se que, mesmo no Norte e Nordeste, os negros auferem níveis de renda inferiores aos indivíduos brancos, tal resultado é persistente a todo o período

FONTE : [HTTPS://WWW.DIEESE.ORG.BR/BOLETIMESPECIAL/2020/BOLETIMESPECIAL03.HTML](https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimespecial03.html)

A portrait of a smiling man with short dark hair, wearing a black t-shirt, with his arms crossed. The background is a teal gradient. The name 'Thiago Oliveira' is written in large white letters in the top right corner.

Thiago Oliveira

Por: Mauricio Pestana - Fotos: Wesley Alisson

diversidade espetacular

Thiago Oliveira

Aos 36 anos, nascido na zona leste de São Paulo, mais precisamente Itaquera, Thiago pode se dizer que é um exemplo clássico daquela frase bastante decorrente na comunidade negra que é “contrariei o destino que normalmente é imposto para negros e negras das periferias das nossas cidades”. Incentivado sempre pelos pais a estudar, mas também praticar esporte, Thiago fala do quanto essa base familiar foi importante na sua vida:

“Meu pai e minha mãe sempre me incentivaram a praticar esportes, desde muito moleque, vôlei, futebol, natação, judô, era algo que eles me davam para além do estudo que sempre foi o primordial daquilo que sempre foi colocado na minha vida: a importância de estudar; então, o tempo livre que eu tinha era no esporte e hoje, entendo perfeitamente o porquê que eles fizeram isso.”

Hoje uma das estrelas da Globo na área do esporte, nosso entrevistado conta que comunicação estava na veia desde criança, algo natural, intuitivo e que acabou virando profissão. Confira a entrevista:

“Quando criança minha vida se baseava em estudo e esporte, além de brincar em casa com meu irmão e com a minha família, em um todo. E de brincadeira em brincadeira, mas sempre levando muito a sério, não demorou para o menino da zona leste ter a certeza do queria ser quando crescesse. Eu sempre vi muitos apresentadores, jornalistas, jornalistas do mundo esportivo, jornalistas em geral, apresentadores de programas de entretenimento e até mesmo a posição corporal, a leitura corporal, como eles falam ou falavam, enfim... e aí desde os meus 12 anos eu sempre falei que gostaria de ser apresentador, sempre brincava em casa, criava discursos, eventos, tudo em casa, meu entretenimento e meus amigos sempre foram meu pai, minha mãe e meu irmão a gente criava muitos eventos ali, só nós quatro mesmo e eu era apresentador de tal coisa que eu escolhia pra fazer, seja a apresentação de um menu que minha mãe criou, então antes do almoço no final de semana, eu fazia toda a apresentação do que minha mãe fazia, coisa de criança; e ali eu cresci com essa vontade, desde que eu comecei a falar e me lembro perfeitamente onde foi, eu assistindo a um programa e ouvindo um diretor falando “atenção, silêncio, gravando” e aí eu falei: “é isso que eu quero fazer”. Tudo o que eu fazia, principalmente na escola, eu estudava pensando, eu preciso tirar uma nota boa porque eu quero ser apresentador, eu preciso estudar isso aqui porque eu quero ser apresentador.”

Como o jornalismo entrou na sua vida?

Thiago - Em fevereiro 2002 entrei na faculdade, fiz rádio TV e em fevereiro de 2020 entrei como estagiário da Rádio Cidade, Rádio Sucesso daqui de São Paulo e desde então eu não parei. A partir do momento em que entrei na rádio, porque um estagiário, ainda mais nessa época, não ganha absolutamente nada, né, ganhava 180,00 e trocava o passe de ônibus pra comer. Eu passava o dia na rádio, porque ali eu aprendi a questão mágica da interpretação, a questão mágica da voz, da comunicação das pessoas. Naquela época não tinha redes sociais, não tinha câmera no estúdio como tem hoje, então você brinca, com absolutamente tudo, com a imaginação de tudo e ali eu aprendi muitas coisas porque eu pedia ajuda aos diretores, eu falava com o diretor artístico da rádio dizendo: "pô posso aprender aqui como fazer um roteiro, que a gente fala programação da rádio?" E locução: "como que eu faço esse tipo de locução?" tipo: "tá aqui o texto, como que você vai ali pra cabine pra poder gravar?", e ali eu comecei a fazer muitas coisas, ficar 10/12h no estúdio.

E como você pulou de estagiário para apresentador?

Thiago - Tive uma oportunidade de entrar no ar, o locutor passou mal e não tinha ninguém, eu trabalhava na madrugada nessa época, então eu entrava às 10h da noite, saía às 3h da manhã, 7h da manhã estava na faculdade. Assim que acordava na parte da tarde, eu ia pra rádio e passava o dia lá. Um dia o locutor passou mal, não tinha ninguém na madrugada, o diretor ligou e falou assim, "vai você"; o diretor acreditou em mim e eu acreditei, porque desde o primeiro momento eu me juntei aos locutores que estavam ali, que sempre foram referência na área de comunicação e foi ali que eu entrei no ar, no finalzinho de 2002, início de 2003. Foi até engraçado porque a primeira vez que tive essa oportunidade de falar no ar, foi em um programa que era um estouro de audiência, que era o "Love Songs" um programa tipo *prime the prime*, de qualquer rádio, de qualquer audiência, enfim eu fui pro ar e fiz o Love Songs e depois eu tive outros, programas com as oportunidades que eu tive lá, eu sempre fui um cara que sempre pensou grande, sempre pensei grande.

E isso se traduziu em ação!?

Thiago - Sim, nessa época, mesmo ganhando muito pouco, comecei a juntar dinheiro pra gravar meu material pra mandar pra emissoras e tudo mais. Logo na sequência, entrei na rádio em 2002, saí em 2004 ou 05, com o dinheiro que eu tinha guardado, comecei a fazer algumas publicidades, comecei a fazer algumas campanhas e gravei um piloto. Esse processo foi uma coisa muito pensada porque eu sempre tive a consciência que eu não conhecia ninguém de televisão, não tinha nenhum QI (quem indicou), meu pai é comerciante e minha mãe também, eu não conhecia absolutamente ninguém, então eu tive que pensar, como começar aquilo que eu quero. Não adianta só fazer um programa de música, não tem como eu começar a entrar ou sonhar com um programa de música de do que eu gosto apenas.

Quando entrou um programa chamado "Best Shop TV", eu olhei aquele programa, foi no dia 20 de dezembro de 2006, entrou aquele programa no ar na TV Gazeta, nunca me esqueço, e assim que entrou, eu falei: é aí que eu vou entrar, é aí que eu vou começar; então, aquele dinheiro que eu guardei, eu fiz um piloto, puramente para o "Best Shop TV", aproveitei aquele material e aí fiz na capa um álbum todo personalizado, com um DVD que eu tinha gravado, com a logo da emissora, a logo do programa, um currículo nessa capa, enfim, tudo padronizado, né, especialmente pra esse produto. Aproveitei também, tirei outras cópias e mandei pra outras emissoras que tinham o mesmo perfil daquele programa, que era um programa de vendas e mandei pra outras emissoras. No início de 2007 eles me chamaram pra fazer um piloto, eu não passei nesse piloto, uma outra pessoa entrou, mas aí o diretor me falou: "olha você não entrou, mas eu quero você de volta, eu vou te chamar aqui pra você fazer o processo seletivo de novo" e aí, no segundo semestre de 2007 eu fiz o teste, passei, e no dia 24 de novembro de 2007 eu entrei no ar, fazendo o "Best Shop TV". Desde então eu não parei, fiquei três anos no "Best Shop TV", fiz o meu programa "Super Esporte" também na TV Gazeta, de lá eu fui pro Sport TV, no Rio de Janeiro, fiquei quatro anos lá apresentando o "Tô na área", fiz troca de quadros, "Sport TV News", Olimpíadas, Eurocopa, enfim, e aí depois eu voltei pra São Paulo, fazendo o "Bom dia São Paulo", "Hora Um", tive a oportunidade de fazer Globo Esporte e agora, nesse novo grande desafio, o Esporte Espetacular.



Depois de muita luta, você conseguiu chegar a apresentador da principal emissora de TV do país e uma das maiores do mundo, qual o sentimento?

Thiago - Cara, primeiro de muita gratidão, principalmente aos meus pais e por eu ter acreditado naquilo que o meu coração sempre disse. Muita gratidão, muita felicidade também e sabendo da responsabilidade. Tem o lado bom e o lado ruim, as pessoas que convivem comigo sabem disso, o lado ruim é que eu não comemoro durante muito tempo, eu comemoro e aí eu sempre coloco dentro de mim: "ok, passou, simhora, vem outro desafio!" Eu sempre falo: uma notícia boa vem, eu comemoro durante 05 minutos, cinco minutos se passaram e é hora de voltar pra si, pro foco e levar isso com normalidade, como se fosse de costume. É claro que não é, mas é um mecanismo que eu utilizo pra eu enfrentar cada vez melhor o desafio que vem e fazer aquilo que eu preciso fazer, mas é uma gratidão assim, fico muito feliz por aquilo que eu acreditei, pela minha volta pra São Paulo, eu sei o tamanho da camisa, que é o Esporte Espetacular, quando a gente fala "camisa" é igual ao peso da camisa do jogador que entra, tenho noção desse peso justamente por isso, porque eu cresci assistindo, ouvindo é natural que quando você veste a camisa você fala "opa, o negócio agora é de gente grande".

Você está imprimindo um estilo muito legal naquele programa, você chega de uma forma diferente, porque o Esporte Espetacular tem uma característica, mas a sua presença é bem diferenciada, é marcante, com muita propriedade.

Thiago - Com você falando isso eu fico feliz, porque não é algo que dentro da abertura no Esporte Espetacular eu não fico pensando: "Ah eu preciso entrar diferente", não, sou eu, 100% o meu coração e ali eu acho que tem muito a ver com o que eu falei pra você sobre a energia. Eu preciso sentir coisas boas e eu tenho uma equipe muito boa, graças a Deus eu faço muitos trabalhos também, muitos trabalhos fora, eventos e tudo mais, e nem sempre a gente sente isso, você tem que se preparar muito mais, respirar fundo e fazer muito mais. Eu fazer o meu trabalho ali é 100% a minha pessoa, o que eu sou, o que eu sou agora em casa falando com você e nesse próximo domingo do que eu vou fazer. Então ao longo da semana a gente tá discutindo espelho com a equipe, de como levar a tal informação, como levar essa informação que tá ali no telão para câmera 1, 2 ou 3 e isso ao longo da semana eu fico desenhando na minha cabeça. Chega na hora eu crio outras coisas, eu faço de outras formas, é claro que tem um padrão daquilo que eu desenhei ao longo da semana, como fazer e tudo mais, mas na hora eu deixo as coisas fluírem, tipo "ah isso aqui eu vou fazer desse jeito agora", e é frações de segundos, está voltando o VT e eu escuto o meu diretor falando: "10s" e eu me pergunto: "como que eu vou fazer isso? Ah, então vou fazer desse jeito e simhora, daqui a pouco eu já tô fazendo de novo.

Como você está vivendo esse momento de pandemia?

Thiago - Acho que como qualquer cidadão brasileiro viu, é um sofrimento diário, porque a gente queria estar num Brasil completamente diferente, então nesse momento é todo dia você respirar fundo e fazer o que precisa ser feito que é se cuidar muito, acreditar na ciência, nos médicos e nas pessoas que estudaram anos e anos e estudam até hoje para levar a informação correta, seja na área do jornalismo, seja na área da saúde. Mas é claro que a gente fica abalado, a gente sabe de tudo o que está acontecendo, principalmente nós que procuramos a informação correta, a gente tá ali a todo minuto recebendo atualizações, mas é com muita tristeza e a gente tem que seguir, fazer o que precisa ser feito e acreditar no momento melhor que o Brasil ainda vai ter. É difícil trabalhar, vida social é zero porque é extremamente importante você se privar, se cuidar, ficar em casa; todo mundo tá cansado de ouvir essa frase, mas a gente só pode fazer isso, então faça da melhor maneira que vai cuidar de você e deixar você em primeira pessoa com saúde e deixar também as pessoas que estão no seu entorno.

Eu e muitas pessoas cada um em uma forma remota, também se cuidando, eu vou poucas vezes à redação, só quando a gente precisa gravar uma chamada ou é entrevistado por videoconferência, mas no dia a dia, reuniões e tudo mais é tudo em casa, porque a gente tem que se cuidar e pensar em primeiro lugar na saúde. Sem saúde a gente não trabalha, sem trabalho não tem dinheiro, a base de tudo é a saúde. Acho que os brasileiros poderiam pensar dessa forma, nem todos pensam, mas o importante é cada um fazer o seu.

Como você vê a questão racial hoje no Brasil e no mundo?

Thiago - Eu vou contar no Brasil, porque no mundo, cada país é diferente, eu acredito que os Estados Unidos estão muito mais à frente em relação à discussão sobre o assunto, mas falando sobre o Brasil, eu acho que a gente tá em um momento em que é importante haver uma comunicação fluida e orgânica sobre o assunto. Acho que a melhor forma de falar sobre o assunto que é tão delicado, mas que a gente pode levar isso de uma forma mais fluida e não pesada, eu acho que vem de entender que aquilo é necessário quando está sendo feito. Em todos os momentos quando há a oportunidade de falar sobre o assunto, ele precisa ser falado e debatido, as pessoas agora como um todo, azul, branco, amarelo, preto, vermelho, precisam ver que de fato aqui no Brasil não existe que “não, mas no Brasil não tem racismo”, esse novo momento que o Brasil está vivendo, onde a comunicação é muito mais rápida ou que acontece muito mais fácil de ser distribuída, onde todos veem o que acontece em determinados locais do Brasil pelas redes sociais, o assunto hoje é muito mais falado, então as ideias são diferentes, a comunicação é diferente, a maneira como aquela pessoa nunca olhou pro racismo também muda, seja ela racista ou não. Mas acredito que a gente está no momento em que deveríamos ter estado já há um tempo; se demorou, ok, mas que bom que tá tendo agora. O amanhã vai ser melhor, ainda, e depois de amanhã melhor ainda, sabe, o bom é que começou e está continuando; então, a continuação sobre o discurso, e sobre a repercussão, olha pro copo meio cheio, então a nossa missão é olhar pra frente e levar, criar caminhos olhando pra frente e não pra trás.

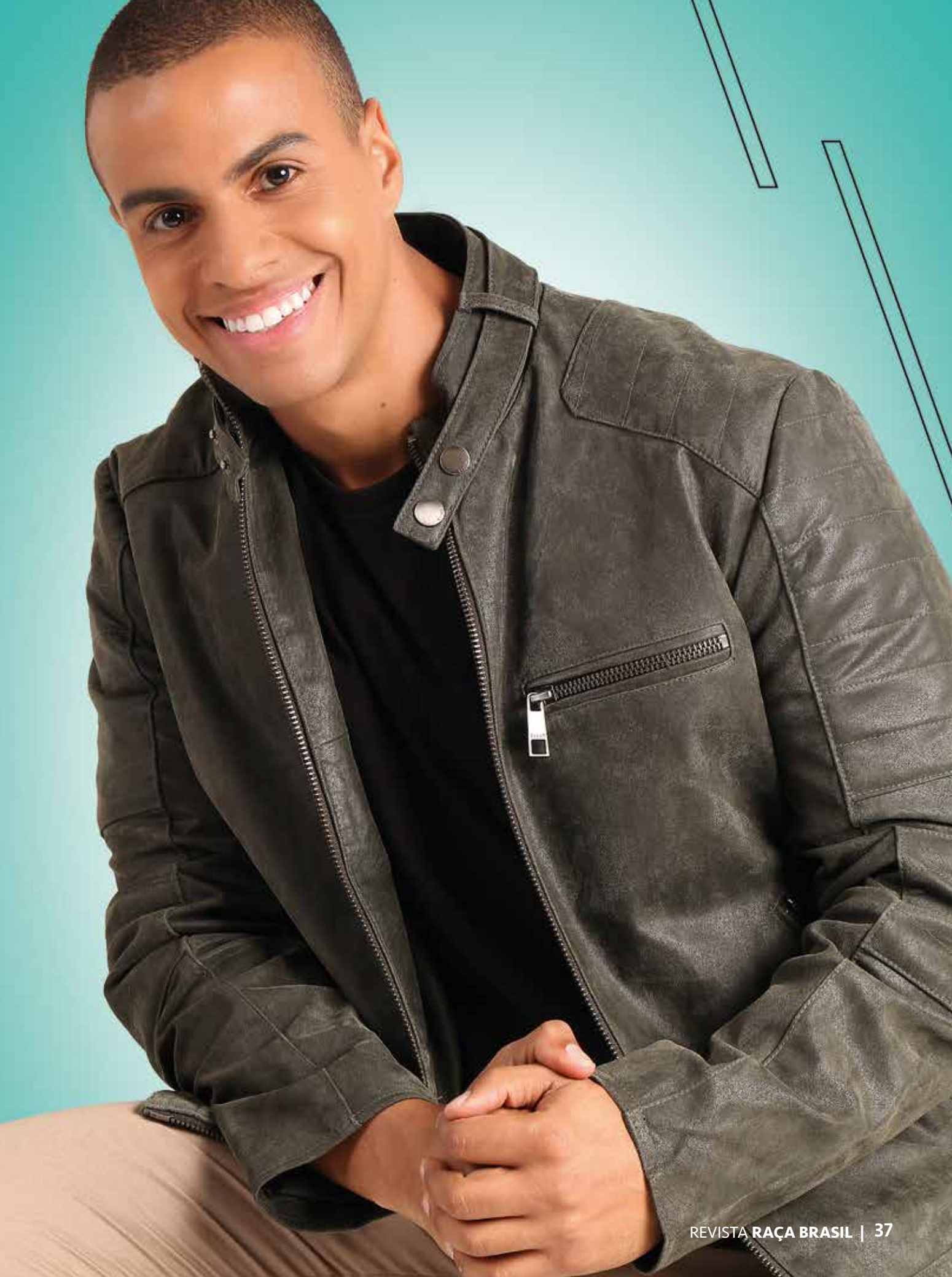


Você já sofreu algum tipo de discriminação racial?

Thiago - Eu não fujo da estatística, claro que sim, mas olha, uma coisa que eu coloquei pra mim, até pelo que meus pais me ensinaram em todos os momentos eu coloquei e coloco meu propósito à frente, a minha missão à frente, olhei o meu objetivo, posicionei o meu objetivo no meu foco, pra continuar. Eu sei da realidade, eu sei que qualquer coisa que eu quiser vai ser difícil, então eu vou fazer duas, três vezes mais, isso já tá no DNA de qualquer pessoa que sabe que isso acontece, entendeu? Dessa maneira é óbvio que eu já passei, amanhã talvez possa acontecer, mas eu prefiro olhar justamente pro meu foco, pro meu objetivo. Não vale a pena, por mais doído que seja, debater o assunto com essa pessoa. É claro que calado eu não fico, todos devem falar, já passou o tempo em que a gente ficava com isso e vivia com medo de se sentir mais rejeitado ainda, mas hoje os tempos mudaram, eu falo mesmo tudo o que acontece, mas eu vou pra frente, o mundo dá voltas, o mundo é muito grande e todas as pessoas precisam ter oportunidades, eu busco as minhas oportunidades, eu vou ali encho meu peito de ar e vou pra frente, só olho para o meu propósito.

Que dica você daria para os jovens que sonham em ingressar na carreira de jornalista/ apresentador?

Thiago - Olha, não sei se como eu aprendi e como eu faço é o correto, o que eu falo é diante daquilo que meu coração diz. O primeiro lugar é olhar pro próximo como um ser humano, olhar para aquele profissional como profissional, "ah mas esse profissional é preto, branco ou azul", não, se questione se você gosta da maneira como esse profissional se comunica, se você gosta, faça igual a ele, não é copiar, mas a partir do momento em que você gosta e vai fazendo igual, com o tempo você vai lapidando e encontrando o seu jeito, então é você ter muito foco e acreditar muito naquilo que você quer, independentemente de qual profissão, em quem você se inspira ou com quem você quer parecer ser, a partir do momento em que você entra num desafio e você não acredita, não vai dar certo, por que que não vai? Porque ao longo desse caminho, muitos obstáculos vão aparecer e os obstáculos serão superados, diante daquilo que você acredita e como você acredita tanto, tanto; na hora que você olha pra trás você até fala assim: "nossa, passei por tudo isso?"; e você não sentiu, porque você tá tão focado no seu objetivo e você almeja tanto, sempre respeitando o próximo sem fazer mal ao próximo, que todos os obstáculos que existem em qualquer profissão, para qualquer pessoa, você consegue de fato seguir e trilhar o seu caminho.





Esporte, exemplo e superação

Texto: Redação

Brasil, país de poucos acessos, falta oportunidade, sobra racismo e preconceito. Um cenário inóspito para a juventude, magneto para lugares como criminalidade e as drogas. Várias soluções tentam minimizar os impactos danosos desse contexto, indubitavelmente o esporte é um dos mais importantes instrumentos de inclusão social e construção de cidadania.

Atletas de alta performance que alcançam o topo das competições normalmente se tornam ícones referenciais para a juventude. Espelhos positivos de sucesso e feitura de sonhos. E na estrutura precária atual a população negra ocupa o menor piso no que se refere à educação, saúde, lazer, emprego e renda. Atletas negros nos espaços de mídia em celebração de vitória são impulsos positivos para os jovens.

Então vamos falar de uma história sensacional de sucesso

Ronaldo Luís Nazário de Lima

Quando em 1976 nasce Ronaldo Nazário em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, não se imaginaria que ele seria o Fenômeno que jogou no pequeno São Cristóvão, na sua cidade, brilhar adolescente no Cruzeiro de Minas, ir para o PSV na Holanda, Barcelona, Inter de Milão, perder e ganhar Copas do Mundo e encerrar glorioso no Corinthians. Um olhar simplista pensaria essa carreira de títulos como o mais importante.

Contudo, Nazário se tornou um símbolo de superação: em 1996 operou o joelho, em 1999 teve uma lesão gravíssima, depois de um ano em recuperação, no jogo de estreia, seu joelho saiu do lugar, passou 20 meses em tratamento doloroso. Em 2002 o treinador da seleção Luís Felipe Scolari ousadamente o convocou. Resultado fez gol em todas as seleções, menos Inglaterra e foi decisivo na conquista do pentacampeonato.

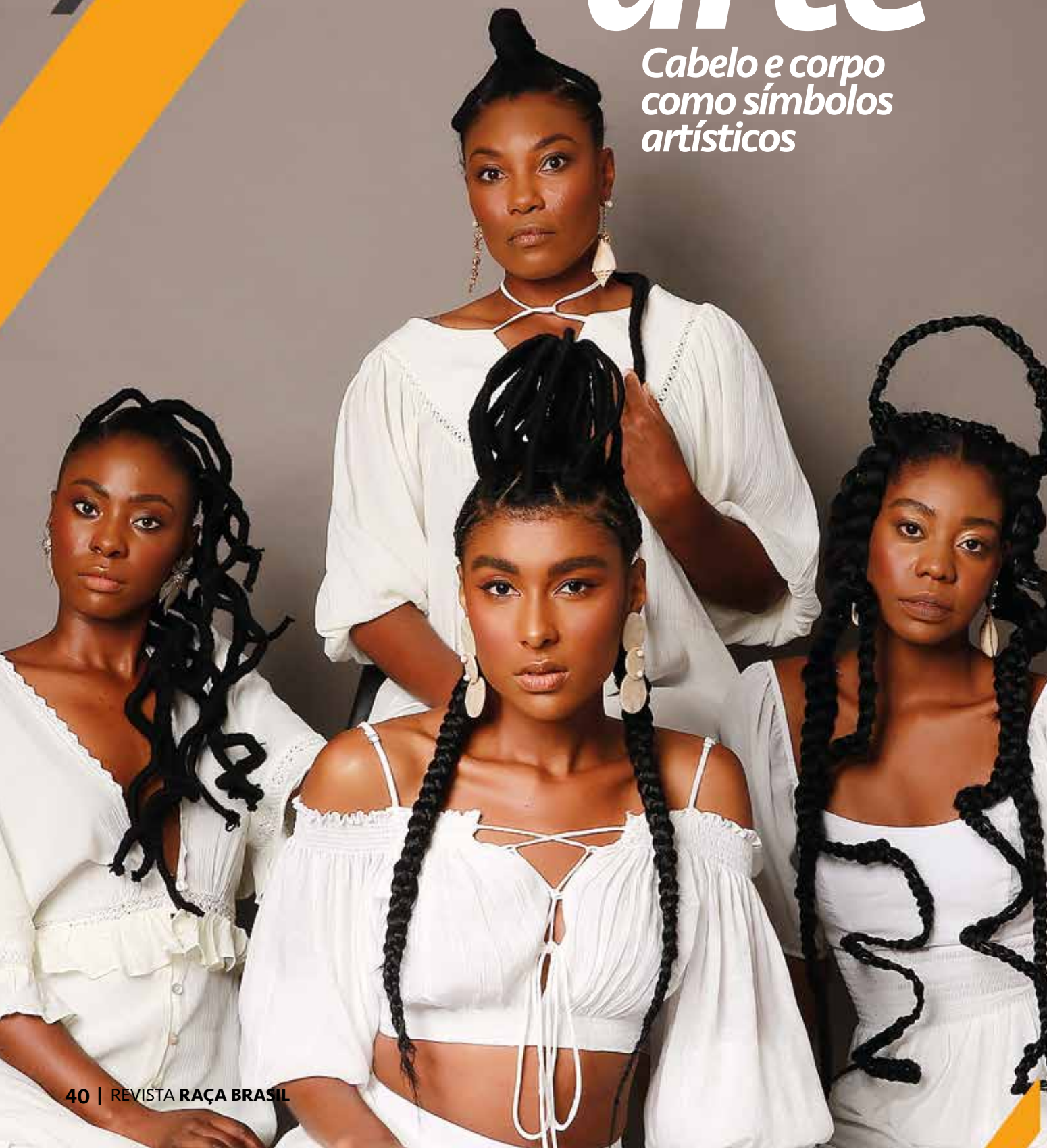
O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo; a dedicação neste caso é a vida dada, e maior que ele foi a possibilidade de recuperação quando todos diziam ser impossível. É inevitável, quando olhamos o Coliseu Romano, onde gladiadores eram jogados à toda sorte para feras e outros homens, não fazermos ligação direta com a arquitetura dos estádios de futebol. Essas arenas esportivas, além de servir como entretenimento, são espaços possíveis de sucesso e ascensão social para alguns que conseguem vencer as batalhas, e nelas surgem mitos, símbolos de superação.

Por ser o futebol mundialmente conhecido, os astros se tornam exemplos a serem seguidos. Nazário se tornou no Brasil este símbolo de superação, um menino negro que ganhou o mundo, virou um astro, visitou os mais profundos vales da dor, foi desacreditado e nunca perdeu a esperança. Na Copa do Mundo que venceu, Ronaldo fez uma brincadeira inspirado no personagem Cascão, de Maurício de Souza: cortou o cabelo com um topete muito incomum, e assim foi que a gurizada seguiu o exemplo e o corte virou moda na época. Da mesma forma, ações, comportamentos e vida dos mitos se tornam referência para a juventude, e o esporte produz pessoas assim, como foi Kobe Bryant no basquete, Usain Bolt no atletismo e Muhammad Ali no boxe.

Texto: Suelen Lima
Fotos: Abner Ribeiro

Quando o cabelo vira arte *arte*

*Cabelo e corpo
como símbolos
artísticos*



Ao longo dos anos recebemos diversas mensagens em nossa sociedade, e foi de forma muito simbólica que a imagem eurocentralizada foi difundida em nosso dia a dia, ditando regras e costumes em diferentes locais do mundo, tornando-se uma referência de comportamento, moda e sobretudo nas artes visuais. Enquanto esta imagem eurocêntrica se destacava, a imagem dos povos colonizados caiu no esquecimento social ou foi distorcida.

Quando se pensa em História da Arte, ainda é muito natural que se pense em arte europeia, ou quando pensamos em um artista plástico temos o nome de Pablo Picasso por exemplo. Mas o que muitos não sabem é que uma rica e importante produção de arte africana e indígena coexistiu por todo esse período de formação histórica, oferecendo forte influência na maneira de produzir arte de muitos pintores europeus.

É por esse motivo que o empoderamento negro não é só sobre vaidade. Hoje encontramos o negro na luta por protagonizar suas histórias, e cada dia mais presente nas produções artísticas dessa população. A necessidade de reforçar seus traços originais, apresentar os cabelos crespos e posicionar seus corpos de forma a combater a desigualdade a que fomos expostos.

As tranças e dreads carregam uma história rica e cheia de ancestralidade. Dentro do continente africano, nas civilizações antigas como os egípcios e outros milhares de África, as tranças eram utilizadas por grandes guerreiros e guerreiras, ou para marcar a linhagem ou tribos a que pertenciam. Para mulheres e homens negros, as tranças representam mais que um estilo de penteado estético, elas exaltam o orgulho a essa origem que sofreu ao longo da história diversas investidas de erradicação, e lembra que antes do rótulo de escravizados, a população negra era rica e composta por reis e rainhas.

Por todo o contexto de resistência e criatividade buscamos oferecer neste ensaio fotográfico um olhar estético artístico, analisando o cabelo crespo, dread e tranças como objetos de arte, que merecem ocupar espaços especiais em grandes museus e galerias. Através das tranças, podemos nos conectar com nosso passado desconhecido, recriar conexões de afeto e amor com a nossa origem e resgatar a autoestima perdida nos tempos de escravidão.

Foto: Abner Ribeiro
Stylist: Ana Paula Fernandes
Make: Bianca Jeraldo
Hair: Salão Preta Brasileira
Produção Executiva: Marta Oliveira
Casting: Agência Vogue (www.agenciavogue.com.br)
Looks: FPM BLUES.

Globo Livros lança

Texto: Redação
Foto: Divulgação

Meu caminho até a cadeira número 1

Conquistar um cargo de diretoria é algo distante para a maior parte da população brasileira. Imagine, então, quando se é mulher, negra e periférica. Além da desigualdade entre homens e mulheres, a cor da pele poderia colocar Rachel Maia, hoje uma das executivas de maior prestígio no Brasil e no mundo, fora do jogo. Com um perfil diferenciado dentro do mundo corporativo, a trajetória de sucesso e pioneirismo da executiva é contada nas páginas de seu primeiro livro "Meu caminho até a cadeira número 1", lançamento da Globo Livros, que chega às livrarias no dia 8 de março.

No livro, Rachel mostra um lado menos corporativo e divide com os leitores a vida, os estudos e convicções sobre o mercado de trabalho, diversidade e como acreditar em si própria – mesmo com os momentos de dúvida. Da infância pobre até assumir o cargo de CEO em grandes multinacionais, ela fala dos amigos, da maternidade, da família e dos aprendizados herdados dos pais, do preconceito, da sua fé, dos erros e acertos desta desafiadora jornada. "Não poderia falar do ponto de chegada sem contar como me tornei a mulher que sou hoje. Com este livro, quero inspirar outras meninas e mulheres a terem certeza de que nós podemos e somos capazes de conquistar tudo aquilo que sonhamos. Foram meus sonhos que me trouxeram até aqui. Acredito muito na força das mulheres e fico feliz de agora poder compartilhar minha história como um exemplo de sucesso", declara.

Passou por companhias como Cia's Seven Eleven, Farmacêutica Novartis, Tiffany & Co Joalheria, Pandora e Lacoste Brasil, e mais de 30 anos de experiência no mercado, Rachel mostra em "Meu caminho até a cadeira número 1" que o sucesso nos negócios se deve à sua história de vida e costura a narrativa com depoimentos de familiares, amigos, colegas e parceiros, além de fotos de momentos íntimos com a família e os filhos.

Caçula em uma família de sete irmãos, Rachel Maia estudou a vida toda em escola pública e dividia um quarto de casa com todas as irmãs. Sua boneca era um sabugo de milho, "muito linda e bem vestida!", recorda Rachel. "O que mais me marcou foi a alegria e o respeito ao próximo. Meu pai me ensinou que os estudos e a preparação são fundamentais. Minha mãe me mostrou que a coragem e a sensibilidade me levariam longe", conta a autora.



“Compartilho neste livro minha história. Afinal, não poderia falar do ponto de chegada sem contar como me tornei a mulher que sou hoje.”

Rachel Maia é uma das executivas de maior prestígio no Brasil e no exterior, com passagens por companhias como Cia's Seven Eleven, Farmacêutica Novartis, Tiffany & Co Joalheria, Pandora e Lacoste Brasil. Caçula de sete irmãos, cresceu no extremo sul da cidade de São Paulo e se especializou em cursos dentro e fora do país. Com mais de 30 anos de experiência nos segmentos de Consumidores e Farmacêutica, construiu uma carreira bem-sucedida em importantes empresas globais. Reconhecida em 2020 com o Prêmio LIDER do Ano, concedido pela Exame Melhores e Maiores, Rachel segue no mercado de luxo e no varejo, prestando consultoria, por meio da RM Consulting. É fundadora do Projeto Social CAPACITA-ME e ocupa a cadeira, pelo segundo mandato, de Presidente do Conselho Consultivo da UNICEF Brasil, e, recentemente, tornou-se conselheira do Grupo SOMA.

Mãe de Sarah Maria e de Pedro Antônio, Rachel acredita em uma forma humana e agregadora para alcançar o sucesso profissional.



always
inspiring more...

symrise 

“

COSMETICS INGREDIENTS FROM SCIENCE TO DREAMS

Ingredientes cosméticos desenvolvidos para todos

”



CENTRO MUNICIPAL DE CULTURAS NEGRAS

Por Moara Sacchi
Fotos: Divulgação

"No caminho do progresso, Yababa kuara. Templo de Quilombo... Jabaquara, Raízes de um Povo Guerreiro!"

Esse foi o samba-enredo da Barroca Zona Sul, no ano de 2013, reforçando a identidade e memória do território. Muitos defendem a hipótese de que, nos tempos da escravidão, teria existido um quilombo exatamente no local onde hoje se encontra o Centro Municipal de Culturas Negras Mãe Sylvia de Oxalá (CCN), situado em uma área cultural que abriga também a Biblioteca Paulo Duarte e a Casa do "Sítio da Ressaca", construída em 1719.

"O Centro de Culturas Negras não foi escolhido aleatoriamente. Esse era um ponto de descanso para chegar em um dos maiores quilombos que tivemos, o Quilombo do Jabaquara, que fica em Santos. Eles fugiam para cá e ficavam aguardando o momento certo para descerem em direção a Santos. Com o passar do tempo os capitães do mato descobriram esse lugar, e passaram a capturar os escravizados, que continuavam a chegar por conta da dificuldade da comunicação na época. Com um grande número de pessoas capturadas, eles resolveram construir a casa do Sítio da Ressaca, que funcionou como um mercado de escravos. Lá dentro a gente encontrou alguns instrumentos de tortura que temos aqui até hoje: troncos, algemas, chicotes, máscaras, entre outros instrumentos que estão no Axé Ilê Obá. Eles expunham os corpos dos nossos antepassados algemados, no riacho da Ressaca que fica a 6m da Casa, sempre com os mais frágeis e adoentados na ponta, para evitar as fugas, mas as pessoas ainda não conheciam aquela rota para que eles conseguissem vender. Pensando nisso, os capitães do mato foram até o porto de Santos e começaram a gritar: 'olha do Porto de Santos ao Porto de Santo Amaro o caminho é mais curto através do riacho da Ressaca!' E assim começou a venda e o comércio. A partir dessa movimentação se pode perceber, mesmo de longe, que aquele já não era mais um lugar seguro, os escravizados pararam de chegar e o mercado deles faliu. Já por volta do ano de 1775 eles resolveram vender essa casa para um padre e depois para duas mulheres, a última das mulheres era de uma família abolicionista." –

Daniel Souza, gestor do Centro Cultural.

"O CCN é um espaço de pertencimento e que cada vez mais trabalha para romper com preconceitos, mostrar a riqueza dos saberes negros, local onde a troca se dá de forma linda, cheia de amor, mas sem nunca baixar a guarda. Temos que estar sempre em estado de atenção e manter o compromisso de proteger e garantir o espaço para esta e as novas gerações, nunca esquecendo de nossa ancestralidade e da sabedoria dos mais velhos. Mãe Sylvia com certeza está muito feliz com este momento do CCN, é muito do que ela havia sonhado para este espaço, o Daniel Souza vem desenvolvendo um trabalho muito importante, e sempre que podemos estamos juntos."

– Mãe Paula de Yansã, Yalorixá do Axé Ilê Obá.



Fotos: Divulgação

Fundado em 12 de julho de 1980, é o primeiro equipamento cultural, com a proposta de ofertar artes integradas no distrito.

Como tudo começou?

Mãe Sylvia sempre foi uma mulher muito batalhadora, nunca aceitou um não como resposta e sempre acreditou na necessidade de trabalhar para dar cultura e caminho para os menos favorecidos. Assumiu o comando do Axé Ilê Obá, em 1985, e nesse período se mudou definitivamente para a região; eram muitas as demandas existentes. Muitas atividades e atendimentos eram feitos no Axé, como assistência jurídica, dentistas, programas de distribuição de leite. Mas Mãe Sylvia acreditava que as atividades de educação e cultura deveriam ir para além da porteira de nosso Ilê (casa), acreditava que o Centro Cultural tinha que privilegiar os “seus meninos”, as crianças e adolescentes que estavam com tempo livre. Desta forma batalhou junto à prefeitura para criar cursos, e garantir que este era um espaço de cultura negra.

E atualmente, como está o Centro?

Graças à personalidade, resiliência e capacitação profissional de Mãe Sylvia, o território hoje é reconhecido pelo município como espaço de cultura negra. Em 2018, quatro anos após seu falecimento, o Centro de Culturas Negras do Jabaquara muda o nome em homenagem à Mãe Sylvia, através da implementação da Lei 663/17, sancionada pelo atual vereador, Eduardo Suplicy (PT).

Fotos: Divulgação



“Estive presente durante a mobilização e me emocionei muito. Ver a comunidade reverenciando o trabalho de Mãe Sylvia foi muito importante para mim. Foi bom ver que as pessoas reconhecem o trabalho que ela desenvolveu durante toda sua vida. Eduardo Suplicy sempre esteve junto com Mãe Sylvia em suas batalhas e sabia o quanto ela tinha se dedicado para que este fosse um espaço de pertencimento da cultura negra”,

afirma Mãe Paula.

Um marco da atual gestão é a valorização da arte negra periférica, em 2019, foi a pintura de um enorme painel em homenagem a mulheres negras fundamentais para a nossa história, Aqualtune, Maria Felipa, Mãe Sylvia, Anastácia e Carolina Maria de Jesus. No ano de 2020 a pintura completa do prédio, antes todo cinza, hoje alegre e proporciona experiências sensíveis mesmo a aqueles que veem de fora. Há referências por toda a parte, uma dica para os visitantes é ir com tempo para apreciar todas as obras ali presentes.

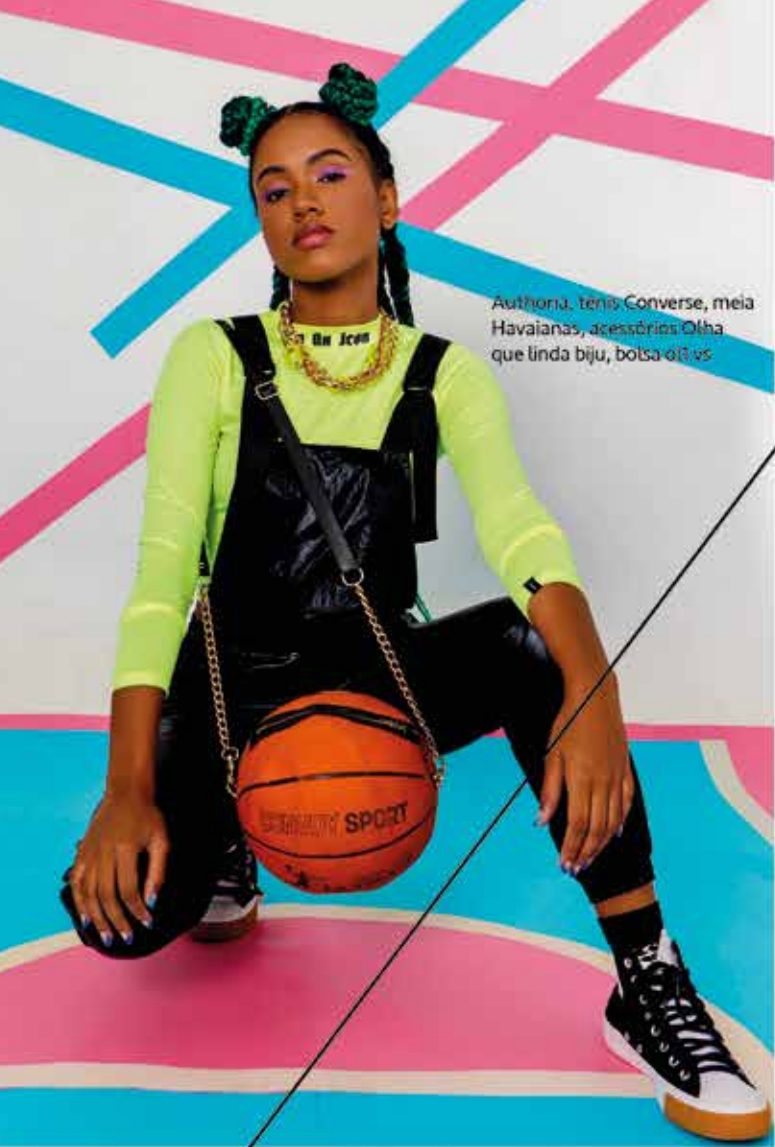
Color Look

Texto: Redação - Fotos: Eduardo Silva

Se vocês estão sempre antenados nas tendências, deve ter percebido looks coloridos e estilosos ultimamente, tanto nas passarelas como nas ruas, eles continuam sendo uma aposta da temporada. Até o neon que de início intimidava os menos ousados ganham força e continua deixando as composições alegres e cheio de originalidade.

E você vai se apaixonar por visuais vibrantes e autênticos. Confira lindos looks de inspiração e veja como usar essa moda para montar produções arrasadoras!

Capa acervo, camiseta New era, calça C&A, relógio Champion, bucket C&A, papete Melissa.



Authoria, tênis Converse, meia Havaianas, acessórios Olha que linda biju, bolsa olé vs



Blusa Authoria, saia Capézio, polainas Capézio, tênis Converse, brinco Assento

Bucket C&A, Camiseta Dimy Candy,
jaqueta Dimy Candy, pochete Salva
Look, saia Dimy Candy, correntes
Olha que linda biju.

Gorro C&A, camiseta New Era, relógio
Champion, bermuda New Era legging
Dimy Candy,

Top: Capézio, Jaqueta: Forever
21, acessórios: Olha de linda biju,
Saia: Authoria



Look Authoria, Bucket Nike, tênis Converse, meias Havaianas

Ficha técnica:

Foto: Eduardo Silva
 Tratamento de imagem: Igor Santos
 Styling: Jéssica Correia
 Edição de Moda: Ana Paula Fernandes
 Make: Jéssica Correia
 Hair: Preta Brasileira
 Produção de executiva: Nathalia Araujo.
 Casting: My Cast/ www.mycastagencia.com.br
 Cenografia: Arielly Oliveira e Eduardo Silva



Calça C&A, boddy Forever 21, corta vento C&A, tênis C&A, meias Cantarola.

EUNARAÇA



NOAH MENDONÇA

Noah sempre foi uma criança encantadora, carismática, feliz, com um sorriso sem igual. Aos 2 anos teve perda súbita da audição bilateral, e foram dias super cinzas para toda a família, uma criança que já estava começando a falar, ama música, e do nada fica surda! A mãe conta que na primeira semana de perda, ele ficou todo perdido e desorientado, mais logo se adaptou e foi ele quem deu forças. “Ele nos ensina todos os dias”. Mas hoje Noah é um garoto de 3 anos e 7 meses, um surdo que ouve através dos seus implantes cocleares, super feliz com a vida, ama seus aparelhos, ama brincar e se divertir, não se importa com olhares, ele não deixa de ser quem é, uma criança livre, brincalhona o tempo todo até demais. Saímos do luto e fomos para a luta! Diagnóstico não define destino.

Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

SARAH ALICE

Outra história de superação é da Sarah Alice que ainda no ventre lutava pela vida. Sarah é uma menina completamente hiperativa e a luz da família. Sempre muito alegre, comunicativa e sorridente. Onde passa conquista todos com seu jeito espontâneo de ser. A mãe conta que o sonho dela é ser modelo, e ela está conquistando isso, a pequena já é agenciada e faz trabalhos como modelo. Sarah, quando perguntada sobre o que mais ama neste mundo, dá a melhor resposta que poderíamos ouvir: "A coisa que mais amo neste mundo é minha mãe". Rolou uma lágrima aí também? Porque aqui, com certeza rolou!

EMANUELLE E EMANUEL JACOMOSS

Um casal de gêmeos nasceu em meados de 2014, após um começo de infância extremamente difícil e cheio de luta, estamos com essa "duplinha do barulho" como chamam eles!

A mãe os adotou quando estavam com 4 anos, - e conta que hoje a alegria deles é contagiante e todos os atrasos já são coisas do passado! A dupla de fofura está cursando o 2º ano de escola bilíngue, acompanhando normalmente todo o curso, praticam esportes e estão extremamente adaptados à família e a todas as rotinas da casa! E como diz o Emanuel, "a família é a mamãe Cris, o papai Glauco, a irmã mais grande Bel, a irmã Manu, Manel e a Luna que é nossa cachorra".

Eu já quero guardar eles em um potinho!



Foto: Acervo pessoal

DIEGO CONCEIÇÃO

UM ÍCONE DO BASQUETE BRASILEIRO

Se você pensa que a história do basquete brasileiro se resume a Hortência Marcari e a Oscar Shimidt, conheça a história do baiano, Diego Conceição, exemplo de dedicação e resiliência.

Por Moara Sacchi



Foto: Matheus Maranhão

Quando surgiu a paixão pelo basquete?

Quando fiz 09 anos minha mãe me matriculou em um clube no Rio, onde a gente fazia todos os esportes possíveis, sempre fui entusiasta e apaixonado pelo futebol. Aos 13 anos de idade, minha mãe conseguiu uma vaga pra mim na escolinha do Flamengo; quando cheguei lá o Oswaldo, que era o diretor de esporte terrestre, me viu e perguntou se eu não queria jogar basquete, eles precisavam de pessoas altas e eu tinha 1,80. Eu não queria muito, mas devido à insistência e à proposta que ele me fez acabei aceitando, se eu jogasse basquete eu não precisaria pagar a escolinha de futebol. Aceitei, e desde então não parei mais.

Hoje você atua no maior nível do basquete nacional e já jogou com os melhores times do país, como foi sua trajetória?

O período de categoria de base que ia até os 19 anos, eu joguei no Flamengo, de lá eu saí pra jogar meu primeiro torneio com o Vasco da Gama, em 2006 acabei indo para São Paulo, fui jogar o meu último ano nessa categoria em São Paulo e Rio Claro e de lá eu comecei a rodar o interior, em 2007 fui jogar para Americana e depois fui pro Casa Branca, de lá, eu voltei pro Rio. Fiquei um período aqui no Rio, fui pra Tijuca, fiz parte da equipe da Marinha, joguei também pra Joinville, Macaé, depois Caxias do Sul, onde eu fiquei por 2 anos e após esse período dei uma parada na minha carreira no 5x5, fiquei um ano e meio mais ou menos jogando só o 3x3 e, no final de dezembro de 2018, voltei a jogar o 5x5 pelo Botafogo. Fiquei por lá durante um ano e meio, no final do ano de 2020 me transferi para o Brasília e em 2021 pro Bauru, tô aqui hoje.

Você quase desistiu do basquete, é verdade?

Verdade sim, eu tive um momento bem difícil, quando eu parei um tempo, fiquei meio perdido, eu já tinha que pagar conta dentro de casa e não tava vendo nenhuma possibilidade de viver daquilo, questioneei-me muito sobre a minha capacidade, se eu deveria tentar mais uma vez e isso foi bem complicado. Pintou uma possibilidade, com a criação de uma categoria nova chamada Sub 23 e o Fluminense me convidou pra jogar, só que pagavam pouco, uns 350 reais, só dava pra pagar a passagem, conversei com a minha mãe e ela falou: "se você quer fazer isso eu vou te ajudar o máximo, pago as contas de casa, sua faculdade você paga com o basquete, e vai pro clube com o dinheiro que eles te dão, enquanto a gente conseguir, continue com seu sonho!" E isso foi incrível porque senti uma força muito grande e continuei jogando, nós vencemos o campeonato, depois recebi um convite pra ser atleta da Marinha e isso realmente mudou as coisas, antes disso, pensei realmente em parar de jogar, já tava vendo alguns locais pra trabalhar.

Qual é a diferença entre o 3x3 e o 5x5?

Tem uma diferença grande principalmente nas regras e na dinâmica do jogo, mas acho que o mais interessante é que o 3x3 é uma coisa mais acessível, porque você pode jogar com 6 jogadores, a inscrição nos campeonatos também fica mais fácil, pois você não precisa ser filiado a uma federação... mas ainda não é muito desenvolvido no país, acaba que isso gera um nicho muito bom de basquete dentro de São Paulo, sou apaixonado no 3x3 porque o vejo como uma maneira de massificar o esporte dentro do país assim. É um esporte muito meritocrático, a gente tem alguns torneios dentro do país, a copa do mundo e o World Tour que é o campeonato Master, tem uma premiação até o oitavo colocado, a gente ficou em quarto num torneio no México.



Foto: Mauricio Almeida

Como é ser um atleta profissional?

Bom, a vida de um atleta profissional é muito atípica, a gente não consegue usufruir de feriados, nem programar viagem com a família, então é bem complicado, mas também prazeroso. Claro que a gente tem que abdicar de muita coisa na nossa vida, mas vivemos coisas maravilhosas, culturas, pessoas, lugares. Tenho experiências incríveis.

Como vocês trabalham a questão psicológica em meio a tanta pressão?

A parte psicológica é fundamental, eu trabalho com coaching há 3 anos, me ajudou muito. Muitas vezes o jogo nem passa pela parte física, muito do jogo passa pela parte mental que é capaz de decidir um campeonato. Então, é uma questão que os atletas e os clubes têm procurado trabalhar bastante.

A pandemia afetou muito na organização dos treinos e jogos?

Afetou bastante, não só a parte física, mas psicológica também. Tive muita sorte nesse período porque tenho um espaço muito grande em casa e pude treinar e me manter em forma nesse período, mas as incertezas mexeram muito comigo, a parte financeira também, agora mesmo com a volta elas permanecem, a gente joga em sistema de sedes e é completamente diferente do que a gente vinha fazendo nos anos anteriores. Tem a falta da sua família, da torcida, são "n" questões que têm reflexo na maneira como os atletas têm se apresentado nos jogos.

Na sua opinião, o basquete é acessível para todos?

Ainda é um esporte muito elitizado, no alto rendimento há um número maior de brancos. Mesmo sendo um esporte em que os negros tenham vantagem no ponto de vista físico, exige muito raciocínio lógico e a dificuldade no acesso à educação de qualidade que os negros têm, influencia muito. A gente tem matéria-prima incrível dentro do nosso país, localizada nos locais mais pobres, existem projetos sociais feitos dentro da comunidade, mas a política esportiva brasileira deixa a desejar. O nosso país poderia ser uma potência nesse e em outros esportes e isso funciona em cadeia. São raros os diretores, técnicos e assistentes negros, são raríssimos os donos de equipes e patrocinadores negros, mas estão presentes em cargos com uma remuneração menor, como massagistas e roupeiros.

Quem é o seu maior ídolo?

Meu maior ídolo dentro do esporte é o Kobe Bryant, sou super fã da maneira como ele jogava e quão bom ele foi, mas tem algumas questões que pra mim são mais importantes: ele era apaixonado pelo jogo, a competitividade dele, sempre disposto a enfrentar os melhores e isso é incrível, essa vontade de querer sempre melhorar e que podemos trazer pra vida! É algo que eu também trabalho e busco mandar para as pessoas que me acompanham o tempo inteiro também. Fora do esporte minha mãe e minha avó são minhas maiores referências.

Uma dica pra quem tá começando agora?

Seja para alguém que está iniciando no esporte ou para quem tá na fase de transição dentro da categoria de base para a categoria profissional, posso dizer algo que mexeu muito comigo: Entendam que a gente nunca tá bom o suficiente, sempre tem que escutar e aprender muito com as pessoas. Tenho 20 anos de carreira e ainda não sei nada, temos muito o que aprender!

Para além do futebol

por Fabio Garcia
Fotos: Divulgação

Como diz a canção de Martinho da Vila, “quem é do mar não enjoa [...]”. Não deveria causar espanto a qualquer leitor a informação da existência de clubes de remo compostos por negros no período do pós-abolição.

Pouco estudados, os clubes de remo compostos exclusivamente por remadores negros aglutinaram esportistas relegados pelos clubes nos quais a cor preta da pele era um fator de impedimento à participação. No Sul do Brasil, antes mesmo da popularização do futebol como esporte de massa, surgiram clubes de remo formados por jovens esportistas que tinham suas referências históricas inspiradas nas trajetórias de Henrique Dias, Marçílio Dias e Cruz e Sousa.

Em Florianópolis, houve duas experiências esportivas que marcaram época. A primeira, ocorrida em 1914, resultou de uma disputa “negros versus brancos”. A raia foi vencida pelos remadores negros, fato que gerou interesse da imprensa em criar um evento anual; a ideia, no entanto, não prosperou. Em 1921, surgiu o Clube Náutico Henrique Dias, com vida breve. Nove anos depois os negros voltaram ao remo no Clube Náutico Cruz e Souza, venceram em 1923, mas não levaram! A “Taça para Todos” só saiu da Federação de Remo Catarinense após intervenção política de Trajano Margarida, negro, funcionário público, que gozava de grande prestígio social e político na época.



A ideia volta nas águas dos rios em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Jovens negros, pelos mesmos motivos: falta de oportunidade, segregação e preconceito, fundaram, em 1947, o Clube Náutico Marcílio Dias, em homenagem a Marcílio Dias, marinheiro afro-rio-grandense, destacado na Marinha brasileira. Segundo Juarez Ribeiro, militante negro de Porto Alegre, o clube se manteve ativo até meados da década de 1980. Foi uma entidade social de agregação e manutenção da sociabilidade da comunidade negra na cidade, tendo exercido um papel pioneiro nesse sentido no campo dos esportes, principalmente no remo, no vôlei e no basquete e com equipes masculinas e femininas.

Durante décadas, o Clube Marcílio Dias acolheu também outros projetos negros além dos esportivos, dentre os quais destacamos dois que se tornaram emblemáticos na articulação político-social, que são o Grupo Palmares, fundado em 1971 e que se reunia frequentemente nas instalações do clube e o Movimento Negro Unificado - MNU, cuja representação no RS foi criada em 1980.

Espaços de resistência, os clubes negros de remo buscaram romper com os preconceitos ao longo da história. Quando você estiver diante do mar e “quiser saber meu nome, não precisa perguntar”, Henrique Dias, Cruz e Sousa e Marçílio Dias, eles devem estar por lá!



É com muito prazer e alegria que a VIA MUNDO TRANSAÉREO está presente em mais uma edição da revista raça. Sentimo-nos honrados por participar de uma edição comemorativa celebrando 24 anos.

A Revista Raça com seus conteúdos diversificados contribui de forma ampla e objetiva, trazendo informação, cultura, beleza, moda e entretenimento.

"Estamos muito felizes em fazer parte dessa história de lutas e conquistas, somos uma empresa que valoriza as diversidades e pluralidade de idéias e conceitos.

Essa mentalidade adotada é transmitida a todos os nossos colaboradores, onde o respeito é a chave do sucesso, gerando resultados e fazendo a diferença no mercado e na sociedade como num todo."

-Diretoria Via Mundo



VIA MUNDO
TRANSPORTES

ENVIE A SUA CARGA PARA TODO O BRASIL,
COM EFICIÊNCIA, AGILIDADE E QUALIDADE.

☎ 11 5555-5491

in f o viamundotransportes

www.viamundotransportes.com.br



Pretos, pandemia, emprego e renda

texto: Redação

Hoje a discussão recorrente nas redes sociais e meios de comunicação é o embate onde lados diferentes defendem pontos específicos relacionados à pandemia: um em nome da preservação da vida, defende os protocolos de higiene, prevenção e isolamento social; outro garante que restrições severas que afetam o fluxo normal da produção, serviço e economia, sendo mais danosas que a própria pandemia.

Independentemente de qualquer coisa os efeitos da pandemia na condição real de vida foram catastróficos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os índices de desemprego chegaram a picos nunca vistos na história do país.

Através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19 que, além de estimar o número de pessoas com sintomas, monitora os impactos da pandemia da COVID-19 no mercado de trabalho brasileiro, podemos perceber o tamanho do dano para a população negra. A pesquisa alcança 193 mil domicílios por mês, e os números são avassaladores:





CLOSED

15,3

- 15,3 milhões de pessoas não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade;

2,7

- 2,7 milhões de pessoas foram afastadas do trabalho devido ao distanciamento social;

19,6

- 19,6% das pessoas ocupadas tiveram rendimento menor do que o normalmente recebido;

6,3

- 6,3 milhões de pessoas com sintomas NÃO buscaram estabelecimentos de saúde, destes, 71,6% decidiram ficar em casa como providência;

41,0

- Até novembro de 2020, 41,0% dos domicílios receberam auxílio emergencial;

13,5

- Em 2020, a taxa de desemprego no país alcançou 13,5%, houve recorde de desemprego em dez estados, salientando Bahia (19,8%), Alagoas (18,6%), Sergipe (18,4%) e Rio de Janeiro (17,4%);

- Como a pandemia tocou de forma severa o comércio, serviços e a construção civil, foram os pretos os mais afetados, a taxa de desemprego de pretos ficou em 17,8%, de pardos, 15,4%, e de brancos, 10,4%.

Além da contagem do mercado formal, a situação desfavorável da população no que se refere a acessos, saúde, educação e bem-estar, evidenciou o abismo da desigualdade social relacionada à questão racial. Por terem menos instrução e possibilidade de educação e formação de qualidade, os pretos constituem a maior parcela de trabalhadores do mercado informal, o isolamento social determinou um decréscimo de 24,6%, em 2020, em comparação com o mesmo período de 2019.

A pandemia, além de ceifar vidas, impacta de forma cruelíssima a população negra, a qual não tem a dimensão desse desastre epidemiológico por conta da subnotificação, onde não existem números exatos já que no ano não aconteceram testes em substancial parcela da população, que mostrasse o número exato de infectados; além disso, negros sofrem pelo achatamento da renda, desemprego e um índice alarmante de desocupação. A pandemia revela o fosso social determinado pelo traço racial.





Parabéns Olodum! Texto: Redação

Em 25 de abril de 1979 foi fundado o Bloco Afro Olodum, tornando-se a partir de 1983 a Organização Não Governamental Grupo Cultural Olodum. Olodum significa Deus dos Deuses em yorubá.

Deuses em yorubá.

"Deus dos Deuses Olodum

Movimenta o mundo inteiro

E africaniza o dom que compõe a natureza (...)"

Raça Negra - Olodum

Talvez os versos da canção Raça Negra representem a essência do Grupo Cultural Olodum, nascido nas Ruas do Maciel-Pelourinho. A instituição ultrapassou o status de bloco carnavalesco para se tornar espaço de reflexão, construção de consciência e difusão da cultura afro-brasileira.

Desde de 1980 o Grupo Cultural promove anualmente o FEMADUM Festival e Música e Artes Olodum, o festival busca dar visibilidade a talentos que tenham como inspiração a cultura afro. Deste festival surge a Banda Olodum que em 1987 balançou o mercado fonográfico com o álbum Egito, a obra ultrapassa os limites da música e faz resgates míticos ancestrais do Antigo Egito. A obra é uma aula detalhada sobre cultura,

"Necrópole de Tebas

Fim de uma dinastia

Surgiu um novo império

E o Olodum traz o Egito à Bahia

De Amenofis IV

Ao divino Akhenaton

Onde o império reinava

A juventude de Tutancâmon".

Reggae Dos Faraós Olodum





Nesta vibração foram construídos os álbuns seguintes, cada um contando a história de uma grande civilização, relacionando com a história do negro brasileiro e tudo na cadência de um ritmo criado na instituição, o samba-reggae, pelo maestro Antônio Luiz Alves de Souza (1955-2009), conhecido carinhosamente como Neguinho do Samba, desta época lembramos dos discos Núbia, Axum e Etiópia (1988); Do Nordeste do Saara, ao Nordeste Brasileiro (1989); Da Atlântida a Bahia...O Mar é o Caminho (1991). Nessa estrada a orquestra já produziu 19 álbuns, canções gravadas por grandes interpretes da música brasileira.

Dentro do ambiente cultural surgiu em 17 de outubro de 1990, numa parceria com o diretor de teatro Márcio Meirelles, o Bando de Teatro Olodum, uma escola de formação teatral, tendo inicialmente todos os integrantes negros. O bando estreou em 1991, com a comédia Essa é Nossa Praia, dirigida por Marcio Meirelles e Chica Carelli. O projeto toma corpo, incorpora o famoso coreógrafo Zebrinha e o talentoso músico Jarbas Bittencourt na direção musical

O Bando torna-se uma alavanca de reflexão e crítica da condição social, cultural e econômica dos homens e mulheres negros, tendo como mote o cotidiano das ruas do Centro Histórico de Salvador. Outras peças fizeram sucesso, ganharam fama, invadiram a televisão e o Cinema, quem não lembra de Ô, pai, Ô? Espetáculo que se tornou filme e série famosa da Rede Globo. Daí o Bando ganhou o mundo, com turnês na Inglaterra, Alemanha, Portugal e Angola.

Este celeiro nos ofereceu nomes como: Lázaro Ramos, Érico Brás, Jorge Washington, Valdinéia Soriano, Tânia Toko, Auristela Sá e Wagner Moura.

Além da música e teatro, o Grupo Cultural Olodum tem espaço de formação profissional e capacitação de pessoas. Por tudo que já nos ofertou para preservação, difusão e valorização da cultura negra, desejamos Vida Longa ao Olodum e muito obrigado!





O QUE É NEGRITUDE?

Por Evandro Calisto

Negritude é um conceito recorrente nas grandes rodas de discussão do movimento negro, mas a ideia, os termos não surgem no senso comum. Conversamos com o historiador Márcio Paim, mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, mestre em Estudos Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia - CEAO\ UFBA. @mlpaim

Mestre, como surge o conceito de negritude?

A concepção de negritude surge no Brasil na década de 1970 a partir da institucionalização do Movimento Negro Unificado (MNU), consequência das divergências ocorridas entre Leopold Sedar Senghor e Aimé Césaire - representantes centrais do movimento, posteriormente formado - no interior da corrente literária criada na França, na década de 1920, por imigrantes oriundos dos países de colonização francesa. Quando eles se conheceram na França no início dos anos 30, foram apresentados e introduzidos em um movimento de valorização da cultura negra em âmbito mundial. Ao contrário de ser um "movimento" uniforme e homogêneo, possuía como contrapontos as correntes "independentistas" e "assimilacionista". A primeira, organizava-se em torno da ideia de uma "independência total e incondicional" dos países colonizados pela França; a segunda, aglutinava-se em torno daqueles que defendiam a ideia de autonomia.



Em consenso na ideia de uma independência total, na definição do termo negritude e na difusão do movimento da negritude, Césaire e Senghor romperam, exatamente pelo fato da concepção de Senghor da negritude estar mais próxima da visão racista e vazia que consolidou a imagem do "mito do homem negro" ou do "negro performático". Após isso, o governo francês passou a patrocinar uma série de palestras, seminários, publicação de livros de Senghor em nível mundial. Esse movimento Senghor ao Brasil em uma série de viagens entre os anos de 1964 a 1977.

E como o conceito se difundiu no Brasil?

No Brasil, a concepção senghoriana da negritude, em um primeiro momento (1974) - a partir da criação do bloco afro Ilê Ayê, em Salvador-Bahia, até a segunda metade dos anos de 1990 com a ascensão do movimento hip-hop - foi responsável, não apenas pela introdução do debate racial e da importância do fortalecimento da autoestima, bem como da formação e conscientização de diversas gerações. Só que o racismo, como consciência histórica e subjetiva, não ficou estático. Ele se reelaborou e vem se reelaborando todos os dias de forma que, hoje, apropriou-se dos indivíduos, ideias e instituições que surgiram com a justificativa de combatê-lo, para se firmar e afirmar.

E como o senhor percebe esses desdobramentos hoje?

Suponho que esse seja um dos motivos pelos quais acompanhamos, nos dias de hoje, uma concepção de negritude vazia, orientada pelo capitalismo e absolutamente dissociada de qualquer tipo de relação com o conhecimento histórico e cultural que diz respeito aos povos de matriz africana, uma negritude performática ou, como diria Beatriz do Nascimento: "a espetacularização da negritude". Essa noção de negritude apropriada pelo racismo o qual ela mesma se propôs a combater, que permite que a comunidade negra brasileira seja representada de forma tão constrangedora em reality shows como o Big Brother Brasil - BBB.



CARA GENTE BRANCA

Ambientada em uma universidade de elite e predominantemente branca onde as tensões raciais se escondem por trás das aparências, Cara Gente Branca é uma paródia hilária de uma América pós-racial e retrata a história universal da busca por identidade. Retomando o enredo do aclamado filme homônimo de 2014, esta sátira acompanha um grupo de alunos negros da Winchester University em meio a questões contemporâneas como injustiças sociais, preconceitos culturais, um ativismo por vezes enviesado e a prática do politicamente correto (ou incorreto). De forma inusitada e bem-humorada, Cara Gente Branca faz uso de ironia, autodepreciação e uma honestidade brutal para abordar assuntos que afetam a sociedade moderna.



ESQUADRÃO TROVÃO

Em um mundo cheio de supervilões, duas melhores amigas de infância se reaproximam quando uma delas inventa um tratamento capaz de dar poderes para que protejam a cidade



A GENTE SE VÊ ONTEM

Melhores amigos do ensino médio e prodígios científicos, C.J. e Sebastian passam cada minuto livre trabalhando em sua mais recente invenção caseira: mochilas que permitem a viagem no tempo. Mas quando o irmão mais velho de C.J., Calvin, morre após um encontro com policiais, a jovem dupla decide colocar sua tecnologia inacabada em uso em uma tentativa desesperada de salvar Calvin. Do diretor Stefon Bristol e do produtor Spike Lee chega See You Yesterday, uma aventura de ficção científica baseada no amor familiar, nas divisões culturais e no desejo universal de mudar os erros do passado.

LAST CHANCE U

De Greg Whiteley ("Cheer") e da equipe responsável pela série vencedora do Emmy "Last Chance U", vem aí "Last Chance U: Basquete", um olhar honesto e realista sobre o universo do basquete universitário dos EUA. Ao longo de oito episódios, a série mostra a busca dos Huskies da East Los Angeles College (ELAC) pelo título inédito do campeonato estadual da Califórnia. Liderados com empolgação pelo técnico John Mosley, o time da ELAC é composto por diferentes atletas que têm uma última chance de realizar um sonho. Mas além dos adversários, a equipe precisa enfrentar suas emoções dentro e fora de quadra.





CAPA: THIACO OLIVEIRA
FOTOS: WESLEY ALISSON / YBRASIL
CRIAÇÃO E ARTE: WESLEY ALISSON

REVISTA **RAÇA**

RAÇA é uma publicação da Pestana Arte & Publicações. Não nos responsabilizamos por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.revistaraca.com.br
www.facebook.com/revistaraca

Ano XXII - Edição 224



PESTANA ARTE & PUBLICAÇÕES
Rua Serra de Bragança, nº 66B
Vila Gomes Cardim, São Paulo - SP
CEP: 03318-000 - Tel. (+55 11) 2097-6919

DIRETOR: Maurício Pestana

EDITORA ASSISTENTE: Hamalli Alcântara

REDAÇÃO

EDITORA-CHEFE: Hamalli Alcântara

DIRETOR DE ARTE: Wesley Alisson

MÍDIAS SOCIAIS: Hamalli Alcântara

REVISÃO: Afonso Leite

COLABORADORES: Augusto Baptista, Dione Rio, Emanuele Sanuto, Fernanda Alcântara, Fernando Ferraz e Márcio Telles

CONSELHO EDITORIAL: Amarildo Nogueira, Carlos Machado, Carol Barreto, Dilza Muramoto, Edvaldo Vieira, Hélio Silva Jr, Fábio Garcia, Fábio Pereira, Fátima França, Flávio Andrade, Francilene Martins, Jane Costa, Katleen Conceição, Mônica Faria, Olívia Santana, Petronilha Gon, Rachel Mala, Sandro Aloisio, Théo van der Loo e Uenia Baumgartner

DEPARTAMENTO JURÍDICO: Cleide Victorino

PARA ANUNCIAR

mpestana@revistaraca.com.br

SUGESTÃO DE PAUTA

Sugestões, dúvidas e informações, escreva para: redacao@revistaraca.com.br ou com a editora-chefe: flavia.editora@revistaraca.com.br

IMPRESSÃO

Grafilar - Tiragem 20.000

Nota da redação: Algumas imagens desta edição, foram pesquisadas na internet. Não encontramos as fontes, que poderão ser creditadas na próxima edição.

LOJA RAÇA

Confira as ofertas e produtos da Raça
no site: www.revistaraca.com.br

REVISTA

RAÇA



REVISTA RAÇA



@REVISTARAÇA



@REVISTARAÇA



REVISTA RAÇA

**CADA DIA MAIS
CONECTADA A VOCÊ**





#todes merecem respeito

No Carrefour, valorizamos a diversidade e a inclusão. Treinamos líderes e equipes para garantir um ambiente de trabalho respeitoso e com igualdade de oportunidades, sem distinção de raça, cor e etnia.

Acreditamos no valor das pessoas. Neste mês, celebramos a importância dos 24 anos da **Revista Raça** e lembramos que estamos aqui porque aprendemos diariamente que respeito é o valor que nos une e porque **valorizamos todas as histórias.**

Todos merecem o melhor.

Carrefour 



Somos recheados de diferenças.

Oreo, uma marca da Mondeléz International, sabe que cada pessoa é diferente da outra. Tanto por dentro quanto por fora. Sabemos disso porque o nosso papel é justamente despertar o espírito brincante que existe em cada pessoa. Nos mais diversos tipos de família. No mundo inteiro.

Por isso, nosso compromisso como empresa vem se transformando. Aprendemos que essa pluralidade não é algo que nos separa, nos divide. É o que nos torna únicos. Melhores. Diversidade passou de uma questão de respeito e justiça para se tornar algo crucial ao nosso futuro. E queremos ser cada vez mais assim: recheados de diferenças. Tanto na forma como falamos com o nosso consumidor quanto na hora descobrir, lapidar e promover talentos. Por dentro. Por fora.

Oreo. Continue brincante.